

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XVI – Não se pode servir a Deus e a Mamom

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVI)

Índice

Capítulo XVI – Não se pode servir a Deus e a Mamom	04
Salvação dos ricos	04
Os ricos e o reino	05
Parábola de Lázaro e o rico	06
Preservar-se da avareza	09
Parábola do avarento	10
Amanhã	12
Jesus em casa de Zaqueu	13
Jesus na casa de Zaqueu	14
Hospedaria de Jesus	16
Parábola do Mau Rico	19
A migalha	20
A importância do hoje	22
Parábola dos Talentos	23
Parábola dos talentos	24
O servidor medroso	26
Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria	28
As provas não vêm para nos abater, mas para serem superadas	30
O poder e a sua força corruptora	32
Desigualdade das riquezas	34
A igualdade diante de Deus	35
O Livro dos Espíritos	37
Instruções dos Espíritos. 1. A verdadeira propriedade	39
Ricos e pobres	40
A lição da escolha certa	42
2. Emprego da riqueza	44
Verdade & Paz	46
Posse material: demorada conquista	49
3. Desprendimento dos bens terrenos	51
Desinteresse pessoal e desapego: dois lados da mesma moeda	54

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XVI)

Preparatório para a desencarnação	57
4. Transmissão da riqueza	59
O tesouro do Cristo	60
A caridade e a relação entre as intenções e os recursos	62

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec
Capítulo XVI – Não se pode servir a Deus e a mamom

1. Salvação dos ricos

1. Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará a outro, ou se prenderá a um e desprezará o outro. Não podeis servir simultaneamente a Deus e a Mamom. (Lucas, 16:13.)

2. Então, aproximou-se dele um mancebo e disse: “Bom Mestre, que bem devo fazer para adquirir a vida eterna?” — Respondeu-lhe Jesus: “Por que me chamas bom? Bom, só Deus o é. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos.” “Que mandamentos?” — retrucou o mancebo. Disse Jesus: “Não matarás; não cometerás adultério; não furtarás; não darás testemunho falso. Honra a teu pai e a tua mãe e ama a teu próximo como a ti mesmo.”

O moço lhe replicou: “Tenho guardado todos esses mandamentos desde que cheguei à mocidade. Que é o que ainda me falta?” — Disse Jesus: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me.”

Ouvindo essas palavras, o moço se foi todo tristonho, porque possuía grandes haveres. Jesus disse então a seus discípulos: “Digo-vos em verdade que bem difícil é que um rico entre no Reino dos Céus. Ainda uma vez vos digo: É mais fácil que um camelo passe pelo buraco de uma agulha, do que entrar um rico no Reino dos Céus.” (Mateus, 19:16 a 24; Lucas, 18:18 a 25; Marcos, 10:17 a 25.)

Crônicas e Artigos

Nº 221 – 07/08/2011

O Consolador – (Édo Mariani)

I. Salvação dos ricos

Os ricos e o reino

A afirmação de Jesus de que seria mais fácil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico se salvar tem gerado muitas controvérsias sobre o assunto, até o entendimento de alguns de que seria necessário despojar-se da riqueza para poder entrar no reino dos céus.

O Espiritismo nos ensina que o reino do céu está dentro de cada um de nós, é um estado de consciência.

O Irmão Saulo, pseudônimo de José Herculanô Pires, escreve elucidativa página que extraímos do Livro de sua parceria com Francisco Cândido Xavier e Espíritos Diversos, intitulado DIÁLOGO DOS VIVOS, cuja página tem o título que dá nome à nossa colaboração de hoje.

Escreve ele: A condenação de Jesus aos ricos, tão clara no Evangelho de Lucas, não se refere à fortuna.

Se Jesus considerasse o dinheiro como maldição não diria ao moço rico que o distribuísse aos pobres. A riqueza individual e familiar é uma forma de acumulação com vistas ao futuro da coletividade.

Kardec examinou suficientemente esse problema e deixou evidente o papel social da riqueza.

Mas justamente por isso ela se torna, como dizem constantemente os Espíritos, uma das provas mais perigosas para o Espírito encarnado.

Podemos compará-la à saúde. O homem são e forte em geral se embriaga com sua condição e se afasta dos problemas do espírito.

Esquece o que é e que terá de voltar ao plano espiritual.

A prova da saúde é tão perigosa como a da fortuna.

Mas ambas têm por finalidade adestrar o Espírito na luta com as ilusões, com as fascinações da vida.

É nessa luta que o Espírito desenvolve os seus poderes internos, a sua capacidade de superar a matéria, de dominá-la como o nadador domina a água.

A parábola do jovem rico põe a nu a situação do Espírito diante da prova.

O jovem queria a salvação e procurava seguir os preceitos da lei para atingi-la.

Sua consciência o advertia de que ele não estava fazendo o necessário.

Mas quando Jesus lhe disse que libertasse dos seus bens e os revertesse em favor dos pobres, ele não teve coragem de fazê-lo.

Vender as suas propriedades e distribuir o dinheiro aos necessitados não é apenas dar esmolas. A maior esmola é a que se faz em forma de auxílio e estímulo ao trabalho.

As propriedades inúteis do jovem rico podiam ser transformadas em recursos de produção, beneficiando os pobres.

A acumulação da fortuna implica o dever do seu bom emprego em favor da coletividade.

Quem não a usa nesse sentido, mas apenas em benefício do seu orgulho e da sua vaidade pessoal, está colocando-se na situação do camelo que não pode passar pelo fundo da agulha.

A vida terrena passa breve e o rico egoísta logo se verá diante da porta estreita do Reino sem poder franqueá-la.

Quando os homens forem capazes de enfrentar a prova da riqueza para vencer o egoísmo, a miséria desaparecerá do mundo.

A porta do Reino de Deus é estreita, porque só as almas puras, aliviadas da carga da ambição e do orgulho, devem passar por ela.

O rico egoísta, apegado aos seus haveres, não consegue entrar, pois não se dispõe a largar os seus fardos do lado de fora.

Terá de voltar muitas vezes à Terra, aos reinos dos homens, para aprender que a riqueza material só o ajudará quando ele souber trocar as suas moedas de metal por atos de amor.

Crônicas e Artigos

Nº 255 – 08/04/2012

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

I. Salvação dos ricos

Parábola de Lázaro e o rico

É um ensino alegórico, representativo do que se passa no plano espiritual, para afirmar que a nossa vida além-túmulo é uma consequência justa e equitativa da nossa existência na Terra.

A parábola fala do abismo entre os que livremente pautam suas escolhas no bem, no nobre e no belo, e os que, também, livremente, insistem em permanecer em atitudes de desequilíbrio, deboche e insensatez frente aos convites de mudanças propostos por Jesus.

É a escolha de cada um e, por isso mesmo, o Mestre nos fala das imutáveis leis divinas e de como o homem é o próprio criador do seu céu e do seu inferno.

Eis a parábola:

Um rico vivia luxuosamente em seu palacete, vestindo-se com finas roupas e banqueteadando-se esplendidamente todos os dias. À porta de sua residência, jazia um pobre homem de nome Lázaro, coberto de feridas e com fome. Desejava catar as migalhas que caíam da mesa do rico, mas ninguém lhas dava, e ele não podia mover-se para apanhá-las.

Um dia, o pobre Lázaro morreu e foi levado pelos anjos, ao seio de Abraão. Algum tempo depois, o rico também morreu e “foi sepultado”.

O texto conta que, no inferno, o rico “levantou os olhos”, não os olhos materiais, mas os do Espírito (destaque nosso), seguindo-se estranho diálogo entre ele e Abraão – representante do mundo espiritual, das regiões mais elevadas.

No meio dos seus sofrimentos, o rico pede a Abraão que mande Lázaro refrigerar-lhe a língua com uma gota de água, para aliviar um pouco, suas agonias. Abraão, porém, nega-lhe o pedido, acrescentando que há um “abismo” entre os do inferno e os das alturas, de maneira que não há possibilidade de trânsito entre os dois níveis.

Em seguida, pede que mande Lázaro à casa de seu pai, para que conte aos cinco irmãos o que está acontecendo, para que não tenham que vir para o mesmo lugar. Mais uma vez, Abraão diz que eles têm Moisés e os profetas e que se eles não conseguem ouvi-los, como escutarão alguém que já morreu?

Como todas as parábolas de Jesus, esta também tem endereço certo.

O que se faz necessário, antes de qualquer coisa, é compreender o conceito de rico, segundo o ponto de vista do Mestre, pois a parábola fala de um rico egoísta e avarento, que não sabe aplicar de forma justa a riqueza que Deus colocou, transitoriamente, em suas mãos.

Em momento algum, refere-se aos ricos que fazem com que suas fortunas sejam fonte perene de bens, e que favorecem a todos que estão ao seu redor.

E o Evangelho adverte-nos que o homem não possui de seu senão aquilo que pode levar deste mundo. O que ele encontra ao chegar e deixa ao partir, goza durante sua permanência na Terra; mas, desde que seja forçado a deixá-los, é claro que só tem deles o usufruto.

Por ser mero depositário, administrador dos bens que Deus, por misericórdia, colocou em suas mãos, terá de prestar contas de como esses bens foram empregados.

Para entender melhor essa parábola, precisamos separar seus trechos.

1 – Assim, quando Jesus narra que há um abismo entre o inferno e o céu, não se refere, certamente, à impossibilidade de uma conversão após a morte, como se os sofrimentos fossem eternos e os gozos dos habitantes celestes sem-fim.

O texto não menciona uma só palavra, algo como “conversão” do sofredor. O que o rico pede é somente alívio das penas; não se mostra arrependido. Pensa em aliviar seu mal, sem se converter da sua maldade. Continua igual a como era na vida planetária.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Segundo o ponto de vista de Jesus, o que o rico sofredor pede não é possível em face da Lei de Justiça. Enquanto a maldade perdurar no seu íntimo, o mal persistirá nos seus atos e pensamentos.

O interessante é que ele não solicita nova encarnação para a remissão dos seus enganos; não solicita que seus irmãos mudem a conduta diante de Lázaro redivivo, mas que eles não venham a sofrer o que ele está sofrendo.

Diante da solicitação, Abraão fez ver que eles não estão com vontade de se converterem, pois sequer atendem a Moisés e aos profetas.

2 – podemos perceber que a pretensa dissociação entre culpa e pena, entre causa e efeito, entre maldade e mal, é absolutamente impossível em face das leis divinas. Por isso, Abraão diz existir um grande abismo entre uns e outros.

É importante salientar que esse abismo não é criação de Deus, mas é cavado pelo próprio homem. Deus não fez nenhum céu e nenhum inferno para o homem. É o livre-arbítrio humano o responsável por eles.

Por essa razão, céu e inferno não são lugares geograficamente localizados no além-túmulo, mas, sim, estados da consciência, criações humanas que determinam sofrimentos ou bem-aventuranças.

Jesus nos disse que o Reino dos Céus está dentro de nós e o reino do inferno também pode estar. Portanto, é tolice imaginar que desencarnados tornam-se anjos, se não mudarem a mentalidade enquanto estiverem encarnados. Somos o que somos, aqui e além.

A morte do corpo não destrói os sentimentos inferiores, negativos, que abrigamos no Espírito. Quem vivia ligado às coisas da matéria, sem se incomodar com as coisas de Deus, continuará, no plano espiritual, a ser alguém ligado à matéria e, agora, sofrendo.

Por essa razão, existe esse abismo entre os dois mundos da parábola. Então, enquanto esse homem materialista não modificar seus sentimentos, retornará ao círculo da matéria, tantas vezes quantas forem necessárias, até que se modifique.

A cada nova vivência, será despertado para novos valores. “Somente um novo compreender, um novo querer, um novo viver é que podem redimir o homem de suas maldades, e, finalmente, de todos seus males.” (Huberto Rohden)

3 – A parábola do rico avarento e do pobre Lázaro encerra, ainda, outra visão: Há quem pense que o sofrimento seja fator de redenção. Nenhum sofrimento em si redime o homem, mas, sim, a atitude do homem face ao sofrimento: desespero, revolta ou aproveitamento da lição bendita. Dois caminhos e uma escolha.

Um encara as dificuldades com otimismo, porque tem fé na Providência Divina, nos bons Espíritos e em si mesmo. Sabe que é filho de Deus com infinitas possibilidades de vencer, em cada fase evolutiva, apesar das dificuldades inerentes a ela.

O outro revolta-se ante os problemas: não aceitação, desesperança, transfere para os outros, inclusive a Deus, as responsabilidades que nos são próprias.

Com isso, acabamos por acrescentar um quadro de desequilíbrios, forjados por nós mesmos, frutos das nossas escolhas descabidas, com desejos e caprichos de todas as ordens.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Com essa atitude, perde-se o fruto da bênção que poderia aliviar e até mesmo anular as penas em reencarnações vindouras.

O Mestre nos ensina, então, a entender o valor educativo das aflições. No início doem, machucam a alma, como o aluno que é reprovado. Mas, após vencer as primeiras provas, as lutas seguintes transformam-se em alimento espiritual, porque entendemos que só através do trabalho diário de renovação, contra nossas imperfeições, podemos nos melhorar.

Portanto, “o simples fato de ser rico não constitui obstáculo irremovível para os Espíritos que descem à Terra, assim como as palavras de Jesus não representam a proclamação automática da salvação dos pobres de bens materiais” (P. Alves Godoy). O “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus” não significa o rico de bens materiais, mas o rico em orgulho, egoísmo, avareza, cobiça.

Quantos ricos há que podem ser considerados Lázarus da parábola; e quantos pobres podem ser considerados os ricos.

O sofredor da parábola não se converteu com os sofrimentos pelos quais passava. Podia querer e não o fez. A alma sem o corpo físico pode converter-se quando quiser, pois o livre-arbítrio – o direito de escolhas – é atributo do Espírito e não da matéria.

A ideia comodista e irresponsável de que “a carne é fraca” sucumbe diante dessa afirmação. A carne não é fraca; fraco é o Espírito que não luta contra as tentações.

E onde buscar a força, a coragem para essa luta? Em Jesus. Na prece sentida, acreditando que não há órfãos na Criação e que somos capazes de vencer as atribulações. “Vinde a mim vós todos que estais atribulados e eu vos aliviarei.” Busquemos, pois, Jesus.

Bibliografia:

1. **ROHDEN** Huberto, Sabedoria das Parábolas, (p. 35.)
2. **GODOY** Paulo Alves, As Maravilhosas Parábolas de Jesus, (p. 74.)
3. **KARDEC** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. V e XVI.)
4. **SCHUTEL** Caibar, Ensinos e Parábolas de Jesus, (1ª parte, p. 104.)

2. Preservar-se da avareza

3. Então, no meio da turba, um homem lhe disse: “Mestre, dize a meu irmão que divida comigo a herança que nos tocou.” — Jesus lhe disse: “Ó homem! quem me designou para vos julgar ou para fazer as vossas partilhas?” — E acrescentou: “Tende o cuidado de preservar-vos de toda a avareza, porquanto, seja qual for a abundância em que o homem se encontre, sua vida não depende dos bens que ele possua.”

Disse-lhes a seguir esta parábola: “Havia um rico homem cujas terras tinham produzido extraordinariamente e que se entretinha a pensar consigo mesmo, assim: ‘Que hei de fazer, pois já não tenho lugar onde possa encerrar tudo o que vou colher? Aqui está’, disse, ‘o que farei: Demolirei os meus celeiros e construirei outros maiores, onde porei toda a minha colheita e todos os meus bens. E direi a minha alma: Minha alma, tens de reserva muitos bens para longos anos; repousa, come, bebe, goza.’ — Mas Deus, ao mesmo tempo, disse ao homem: ‘Que insensato és! Esta noite mesmo tomar-te-ão a alma; para que servirá o que acumulaste?’”

É o que acontece àquele que acumula tesouros para si próprio e que não é rico diante de Deus. (Lucas, 12:13 a 21.)

Parábolas e ensinios de Jesus

(Cairbar Schutel)

II. Preservar-se da avareza

Parábola do Avaro

“As terras de um homem rico produziram muito fruto. E ele discorria consigo: Que hei de fazer, pois não tenho onde recolher os meus frutos? E disse: farei isto: derribarei os meus celeiros e os construirei maiores, e aí guardarei toda a colheita e os meus bens e direi à minha alma: Minha alma, tens muitos bens em depósito para largos anos; descansa, come e bebe e regala-te. Mas Deus disse-lhe: Insensato, esta noite te exigirão a tua alma; e as coisas que ajuntaste para quem serão? Assim é aquele que entesoura para si e não é rico para com Deus.”
(Lucas, XII, 16-21.)

Quanto mais se avizinhava o tempo do cumprimento da Missão do Divino Messias, mais Ele intensificava o seu trabalho de difusão da Doutrina de que havia sido encarregado, pelo Supremo Senhor, de trazer à Terra.

Os escribas e fariseus já faziam planos sinistros para acabar com a vida do Filho do Homem, quando o Mestre Excelente iniciou a exposição das imaginosas parábolas que constituem um dos mais eloquentes capítulos do Novo Testamento.

A Parábola do Avaro é uma síntese maravilhosa do trágico fim de todos aqueles que não vêem a felicidade senão no dinheiro e se constituem em seus escravos incondicionais. Para essa gente, havendo dinheiro, há tudo. Periclita a família, cambaleie a sociedade, arraste-se o mendigo pelas vias públicas envergonhado e descomposto, chore e soluçe o aflito, grite de dores o enfermo miserável ou o inválido sem pão e sem lar, nada comove esses corações de pedra, nada lhes demove, nada consegue mudar-lhes ou desviar-lhes as vistas dos “seus frutos”, dos seus celeiros, do seu ouro!

São homens desumanos, sem alma; pelo menos ignoram a existência, em si mesmos, desse princípio imortal que deve constituir, para todos, o principal objeto de cuidados e de carinho. A avareza é a véspera da mendicidade, ou seja, o fator da miséria.

Quantos miseráveis perambulam pelas praças, implorando o óbulo e que, mesmo nesta existência, foram ricos, sustentaram grandezas, bastos celeiros transbordantes! Quantos párias se arrastam pelas ruas, a bater de porta em porta, implorando “uma esmola pelo amor de Deus!”

Qual a origem dessa situação penosa que atravessam, qual a causa desses sofrimentos? A avareza! Ricos, dinheiro, eram pobres para com Deus, porque, embora não lhes faltasse tempo, nunca se dedicaram a Deus, nunca procuraram a sua lei, nunca pesquisaram o próprio íntimo em busca de algo que existe, que sente, que quer e não quer, que ama e que odeia, que vê o passado, que ao menos, teme o futuro; nunca buscaram saber se essa centelha de inteligência que lhes dá tanto amor ao ouro, tanta ganância pelos lucros terrenos poderá, quiçá, sobreviver a esse corpo que, de uma hora para outra, cairá exânime, para ser entregue ao banquete dos vermes!

O que valem riquezas efêmeras, sombras de felicidade que se esvaem, fumo de grandezas que desaparecem à primeira visita de uma enfermidade mortal! O que valem celeiros repletos em presença do “ladrão da morte”, que chega em momento inesperado, e, até, quando nos julgamos em plena mocidade e com ótima saúde!

Miseros avarentos dos bens que Deus vos confiou! Pensais, porventura, que não tereis de prestar ao Senhor severas contas desse depósito? Pensa que eles não de permanecer conosco e servirão para multiplicar cada vez mais a vossa fortuna? Em verdade vos afirmo que vosso ouro se converterá em brasas a causticar vossa consciência! Em verdade vos digo que ele se transformará em peias e algemas, resultantes da ação nefasta que exercestes em detrimento dos que tinham fome, dos que tinham sede, dos enfermos desprezados, dos pobres trabalhadores de quem explorastes o trabalho!

Ricos! Movimentai esse talento que o Senhor vos concedeu! Granjeai amigos com esse tesouro da iniquidade, para que eles vos auxiliem a entrar nos tabernáculos eternos! Fazei o bem;

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

socorrei o pobre; amparai o órfão; auxiliai a viúva necessitada; curai o enfermo, como se ele fosse vosso irmão ou vosso filho; pagai com generosidade o trabalhador que está ao vosso serviço! Fazei mais: comprai livros e aproveitai os momentos de ócio para vos instruir, por que um rico ignorante é tanto como um asno de sela dourada! Ilustrai o vosso Espírito; fazei para vós, tesouros e celeiros nos Céus, onde os vermes não chegam, os ladrões não alcançam, a morte não entra!

Lembra-vos da Parábola do Avarento, cuja alma, na mesma noite em que fazia castelos no ar, foi chamada pelo Senhor!

Religião dos Espíritos

Reunião pública 19/06/1959 – Questão 166
(Emmanuel)

II. Preservar-se da avareza

Amanhã

Muitas vezes, por semana, repetimos a palavra “amanhã”.
Costumamos dizer «amanhã» para o vizinho que nos pede cooperação e consolo.
Habitualmente relegamos para amanhã toda tarefa espinhosa.
Sempre que surge a dificuldade, pedindo maior esforço, apelamos para amanhã.

Sem dúvida, o “amanhã” constitui luminosa esperança, com a renovação do Sol no caminho, mas também representa o serviço que deixamos de realizar.
É da lei que a conta durma com o devedor, acordando com ele no dia seguinte.

No instituto da reencarnação, desse modo, transportamos conosco, seja onde for, as oportunidades do presente e os débitos do passado.

É assim que os ricos de hoje, enquistados na avareza e no egoísmo, voltarão amanhã no martírio obscuro dos pobres, para conhecerem, de perto, as garras do infortúnio e as duras lições da necessidade;
E os pobres, envenenados de inveja e ódio, retornarão no conforto dos ricos, a fim de saberem quanto custam a tentação e a responsabilidade de possuir;
Titulados distintos do mundo, quais sejam os magistrados e os médicos, quando menosprezam as concessões com que o Senhor lhes galardoia o campo da inteligência, delas fazendo instrumento de escárnio às lutas do próximo, ressurgirão no banco dos réus e no leito dos nosocômios, de modo a experimentarem os problemas e as angústias do povo; filhos indiferentes e ingratos tornarão como servos apagados e humildes no lar que enlameiam, e pais insensatos e desumanos regressarão no tronco doméstico, recolhendo nos descendentes os frutos amargos da criminalidade e do vício que cultivaram com as próprias mãos;
Mulheres enobrecidas que fogem ao ministério familiar, provocando o aborto delituoso pela fome de prazer, reaparecerão enfermas e estéreis, tanto quanto homens válidos e robustos, que envilecem a vida no abuso das forças respeitáveis da natureza, ressurgirão na ribalta do mundo, carregando no próprio corpo o desequilíbrio e a moléstia que adquiriram, invigilantes.

Não te esqueças, portanto, de que o bem é o crédito infalível no livro da eternidade, e recorda que o «depois» será sempre a resultante do “agora”.

Todo dia é tempo de renovar o destino.
Todo instante é recurso de começar o melhor.
Não deixes, assim, para amanhã o bem que possas fazer.

Faze-o hoje.

3. Jesus em casa de Zaqueu

4. Tendo Jesus entrado em Jericó, passava pela cidade e havia ali um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico, o qual, desejoso de ver a Jesus, para conhecê-lo, não o conseguia devido à multidão, por ser ele de estatura muito baixa. Por isso, correu à frente da turba e subiu a um sicômoro, para o ver, porquanto Ele tinha de passar por ali. Chegando a esse lugar, Jesus dirigiu para o alto o olhar e, vendo-o, disse-lhe: “Zaqueu, dá-te pressa em descer, porquanto preciso que me hóspedes hoje em tua casa.” — Zaqueu desceu imediatamente e o recebeu jubiloso.

Vendo isso, todos murmuravam, a dizer: “Ele foi hospedar-se em casa de um homem de má vida.” (Veja-se: Introdução, artigo Publicanos.)

Entretanto, Zaqueu, pondo-se diante do Senhor, disse-lhe: “Senhor, dou a metade dos meus bens aos pobres e, se causei dano a alguém, seja no que for, indenizo-o com quatro tantos.” — Ao que Jesus lhe disse: “Esta casa recebeu hoje a salvação, porque também este é filho de Abraão; visto que o Filho do Homem veio para procurar e salvar o que estava perdido.” (Lucas, 19:1 a 10.)

Crônicas e Artigos

Nº 317 – 23/06/2013

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

III. Jesus em casa de Zaqueu

Jesus na casa de Zaqueu

Na época de Jesus, quando a Palestina era dominada pelo Império Romano, existiam, entre as várias classes, a dos publicanos, que eram os cobradores de impostos e de taxas.

Os judeus os detestavam, pois pagavam pesados impostos e, além do mais, muitos publicanos eram desonestos e aproveitavam-se do cargo para se locupletarem financeiramente.

Entre os publicanos havia um homem chamado Zaqueu, que era o chefe dos publicanos em Jericó. Segundo o que podemos deduzir do que relata Humberto de Campos no capítulo 23 (O servo bom) do livro Boa Nova (FEB), psicografado por Francisco Cândido Xavier, Zaqueu procurava empregar o dinheiro de modo que representasse benefícios para todos e organizava múltiplos serviços de criação de animais e de cultivo permanente de terra, sendo que até de Jerusalém muitas famílias iam buscar, nesses trabalhos, o recurso indispensável à vida. Os servos de Zaqueu nunca o encontraram sem a sincera disposição de servi-los.

O Evangelho de Lucas, 19:1 a 10, relata que tendo Jesus entrado em Jericó, passava pela cidade, quando Zaqueu quis vê-lo. Contudo, por ser de baixa estatura, subiu a um pé de sicômoro para ver o Mestre, porquanto Jesus tinha de passar por ali. Chegando a esse lugar, Jesus dirigiu para o alto o olhar e, vendo-o, disse-lhe: “Zaqueu, dá-te pressa em descer, porquanto preciso que me hóspedes hoje em tua casa”. Zaqueu desceu imediatamente e o recebeu, jubiloso.

Diante de Jesus, Zaqueu prontificou-se a dar a metade de seus bens aos pobres e, se porventura tivesse causado dano a alguém, no que fosse, indenizaria o prejudicado com quatro tantos (a lei exigia o montante e mais um quinto), ao que Jesus disse: “Esta casa recebeu hoje a salvação, porque também este é filho de Abraão; visto que o Filho do homem veio para procurar e salvar o que estava perdido”.

Além da lição da caridade e do desprendimento, essa passagem nos mostra a importância do dividir. Edgard Armond dizia que o verdadeiro discípulo de Jesus é aquele que não apenas dá o que sobra, mas divide o que tem. É importante dividir não apenas bens materiais, mas tudo o que pudermos compartilhar com o semelhante, no dia a dia: nossas alegrias, nossas expectativas, enfim, tudo o que se constitui em atributos de caridade moral.

Outra lição é a do bom aproveitamento da riqueza, que, junto com a miséria, são ambas provas muito arriscadas. Mas a riqueza constitui uma prova ainda mais perigosa do que a miséria, “pelos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce. É o laço mais forte que prende o homem à Terra e lhe desvia do céu os pensamentos. Produz tal vertigem que, muitas vezes, aquele que passa da miséria à riqueza esquece de pronto a sua primeira condição, os que com ele a partilharam, os que o ajudaram, e faz-se insensível, egoísta e vão. Mas, do fato de a riqueza tornar difícil a jornada, não se segue que a torne impossível e não possa vir a ser um meio de salvação para o que dela sabe servir-se, como certos venenos podem restituir a saúde, se empregados a propósito e com discernimento”. É o que explica o item 7 (Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria) de O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XVI (Não se pode servir a Deus e a Mamom).

Foi na casa de Zaqueu que Jesus contou a parábola dos talentos, em que ele compara o Reino dos Céus a um homem que, ao se ausentar, confiou cinco talentos a um de seus servos; a outro, dois talentos e ao terceiro, um talento. O primeiro e o segundo multiplicaram os talentos recebidos, mas o que recebeu um talento ficou com medo de perdê-lo e enterrou a moeda.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Com um talento de prata, podia-se adquirir um rebanho de seis mil ovelhas, ou 1.200 bois. Comparando o talento (moeda da época, na Palestina) com os nossos dons, compreende-se que, por menos que os tenhamos, convém agirmos como os dois primeiros servos e não enterrá-los, pois têm grande valor, diante do trabalho grandioso que temos a empreender, em benefício próprio e do próximo.

Crônicas e Artigos

Nº 422 – 12/07/2015

O Consolador – (Paulo Oliveira)

III. Jesus em casa de Zaqueu

Hospedaria de Jesus

“Zaqueu, dá-te pressa em descer, porquanto preciso que me hóspedes hoje em tua casa.”
(Lucas 19:5)

Zaqueu é uma daquelas figuras que, embora aparecendo em uma única citação no Novo Testamento, marca presença em nossa mente, instiga-nos a uma reflexão mais profunda quanto à razão, e ao simbolismo de sua inclusão nos textos do Evangelho.

Ao buscarmos maiores referências sobre sua pessoa temos o relato feito no Evangelho de Lucas (19:1-10), no qual Zaqueu, responsável pela coleta de impostos na cidade de Jericó, era o chefe dos publicanos (cobradores de impostos) e muito rico. Era também rejeitado pelas pessoas “de bem”, por causa de sua profissão e modo de vida.

Sendo Jericó uma cidade importante na qual era produzido e exportado o bálsamo, substância extraída de árvores da região, muito cobiçado por ter múltiplas utilidades, servindo, desde como um excelente unguento para curar feridas até para perfumar pessoas e locais. Pequenas amostras dessa substância eram consideradas como verdadeiros tesouros, gerando muitos impostos.(1) Percebe-se, portanto, a causa da fortuna de Zaqueu, sendo que alguns afirmavam ter ele desviado dinheiro público para aplicação em sua riqueza pessoal.

Outra informação histórica sobre Zaqueu é a deixada por Clemente de Alexandria(2), em seu livro Stromata, onde afirma ter sido Zaqueu apelidado de “Matias”, pelos apóstolos, e tomado o lugar de Judas Iscariotes após a ascensão de Jesus.

Pois bem, esse era o homem que buscava Jesus ansiosamente, naquela tarde que ficaria marcada para sempre em sua memória.

Como nos relata o evangelista Lucas, Zaqueu, que era um homem de baixa estatura física, não conseguiria ver Jesus em decorrência da grande quantidade de pessoas que seguia o Mestre. Assim, para que pudesse ser visto, ele subiu em um Sicômoro(3) e ficou esperando pela passagem de Jesus.

Ao aproximar-se da árvore em que estava o velho publicano, Jesus olhou-o diretamente nos olhos e disse: “Zaqueu, dá-te pressa em descer, porquanto preciso que me hóspedes hoje em tua casa”. Atônito e jubiloso, Zaqueu apressou-se, desceu da árvore em que se alojara e conduziu Jesus à sua casa, onde o recebeu com alegria.

Todos sabemos, pelo relato do evangelista, que, tocado pela consciência de si mesmo e inspirado pela presença do Enviado de Deus, Zaqueu arrependeu-se e transformou-se por completo, dizendo que daria metade de seus bens aos pobres e repararia todas as suas ações indébitas que praticara, ao que Jesus, com muita alegria e júbilo, disse:

“Hoje, veio a salvação a esta casa, pois também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”.(4)

Imaginemos que havia ali centenas de homens e mulheres, que lutavam uns contra os outros por um lugar especial perto de Jesus. Cada um sentindo-se com mais direito de ficar perto d’Ele e de obter-Lhe as bênçãos desejadas. No entanto, de repente, o Mestre olha para quem não esperava nada, para quem se sentia indigno, insignificante, perdido entre os galhos de uma figueira, e o chama pelo nome: “Zaqueu”.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Esta é a maneira pela qual Jesus age. Para Ele não há multidões, apenas pessoas, independentemente de cor, classe social, designação religiosa etc. Ele chora com sua dor e se alegra com sua alegria, da mesma maneira como faz com todos os filhos de Deus que habitam este planeta, física ou espiritualmente.

Ele sabe seu nome, onde você mora, conhece suas ansiedades, sabe que você pode estar tentando se aproximar d'Ele, no entanto, considera-se pouco merecedor para receber Seu olhar e Seu carinho, de irmão mais velho. Saiba, porém, que Ele espera, a exemplo de Zaqueu, que sejamos decididos e determinados, pois mesmo diante de uma "multidão de dificuldades" e possuindo, ainda, "baixa estatura moral", que caracteriza a grande maioria dos Espíritos ligados a este planeta, Ele nos chama pelo nosso nome, e nos faz o convite permanente: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei".(5)

Ao escutar as palavras de Jesus, dizendo que queria ser hospedado em sua casa, Zaqueu não titubeou. Desceu rapidamente da árvore e conduziu Jesus para dentro de sua habitação. Simbolicamente, podemos utilizar esta parte da história de Zaqueu como uma metáfora para nossa reflexão.

Jesus viu a fé no coração de Zaqueu. Muitos não gostaram do que viram, pois, para os que o conheciam, era um ladrão. Mas, para o Mestre, que conhece a todos nós por dentro, ele era apenas um homem arrependido, decidido a mudar. E, por essa razão, conseguiu o tão desejado encontro.

Vamos imaginar que Jesus aparecesse hoje, exatamente agora, e nos dissesse: "Quero me hospedar em sua casa", o que faríamos?

Certamente, diante de fato tão impactante, talvez, ficássemos sem ação. A questão, no entanto, é que Jesus nos pede isso a cada minuto. Ele está pedindo para que o hospedemos em nossos corações, transformando-nos, cada um de nós, em sua "hospedaria". O Mestre quer habitar em cada um de nós, através dos seus ensinamentos, que Ele nos solicita a prática diária.

Estamos realmente querendo hospedar Jesus? Queremos ser os novos Zaqueus da atualidade? Será que realmente estamos preparados para abrir mão da "metade" de nossas preocupações com a posse material, para dar espaço para a vivência com Jesus?

É no buscar a própria transformação, pela vivência diária do Evangelho, que nos aproximamos do Mestre que, certamente, nos dirá: "Desce da árvore das ilusões, e busca o Reino de Deus que está em teu coração, e lá Eu habitarei".

Para encerrar estas reflexões, gostaríamos de lembrar um dos contos trazidos do mundo espiritual, por Irmão X (Humberto de Campos), através da mediunidade bendita de Chico Xavier, em que relata a situação de um homem que buscava a condição de discípulo, e que em diversos encontros com Jesus sempre recebia uma frase de estímulo e elevação, provenientes do coração amoroso do Mestre, mas que, em seguida, partia deixando-o com os próprios pensamentos e deliberações. Porém, ao final desse maravilhoso conto, quando Jesus retorna encontrando o discípulo totalmente renovado, demonstrando alegria, paz, paciência, amor, perdão, e tantos outros sentimentos puros adornados pela mais simples e genuína humildade, diz-nos Humberto de Campos que "o Senhor, encontrando-o em semelhante estado, estreitou-o nos braços, de coração a coração, proclamando:

- "Bem-aventurado o servo fiel que busca a divina vontade de nosso Pai! E, desde então, passou a habitar com o discípulo para sempre".(6)

Referências:

(1) **Maria** pegou uma libra de bálsamo de nardo puro, um óleo perfumado muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos. E a casa encheu-se com a fragrância daquele

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

bálsamo. Mas um de seus discípulos, Judas Iscariotes, filho de Simão, que mais tarde iria traí-lo, objetou: “Por que este bálsamo perfumado não foi vendido por trezentos denários e dado aos pobres?” (João 12, 3-5).

(2) **Clemente** de Alexandria ou **Tito** Flávio Clemente (Atenas?, 150, Palestina, 215 d. C) foi um escritor, teólogo, apologista e mitógrafo cristão.

(3) Figueira Brava.

(4) **Lucas** 19:9-10

(5) **Mateus** 11:28

(6) **Irmão X**, Luz Acima, Pequena história do discípulo (psicografia de Francisco Cândido Xavier), (cap. 3.)

4. Parábola do Mau Rico

5. Havia um homem rico, que vestia púrpura e linho e se tratava magnificamente todos os dias. Havia também um pobre, chamado Lázaro, deitado à sua porta, todo coberto de úlceras, que muito estimaria poder mitigar a fome com as migalhas que caíam da mesa do rico; mas ninguém lhas dava e os cães lhe vinham lamber as chagas. Ora, aconteceu que esse pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. O rico também morreu e teve por sepulcro o inferno. Quando se achava nos tormentos, levantou os olhos e viu de longe Abraão e Lázaro em seu seio, e, exclamando, disse estas palavras: “Pai Abraão, tem piedade de mim e manda-me Lázaro, a fim de que molhe a ponta do dedo na água para me refrescar a língua, pois sofro horrível tormento nestas chamas.”

Mas Abraão lhe respondeu: “Meu filho, lembra-te de que recebeste em vida teus bens e de que Lázaro só teve males; por isso, ele agora está na consolação e tu nos tormentos.”

Ademais, existe para sempre um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que queiram passar daqui para aí não o podem, como também ninguém pode passar do lugar onde estás para aqui.

Disse o rico: “Eu então te suplico, pai Abraão, que o mandes à casa de meu pai, onde tenho cinco irmãos, a dar-lhes testemunho destas coisas, a fim de que não venham também eles para este lugar de tormento.” — Abraão lhe retrucou: “Eles têm Moisés e os profetas; que os escutem.” “Não, meu pai Abraão,” — disse o rico: “Se algum dos mortos for ter com eles, farão penitência.” — Respondeu-lhe Abraão:

“Se eles não ouvem a Moisés, nem aos profetas, também não acreditarão, ainda mesmo que algum dos mortos ressuscite.”

(Lucas, 16:19 a 31.)

Crônicas e Artigos

Nº 96 – 01/03/2009

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

IV. Parábola do Mau Rico

A migalha

“Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e de linho, e que se tratava magnificamente todos os dias. Havia também um pobre chamado Lázaro, estendido à sua porta, todo coberto de úlcera, que quisera se saciar com as migalhas que caíam da mesa do rico.”
(Lucas, Cap. XVI).

A Parábola do Mau Rico, descrita parcialmente acima, mostra que uma criatura infeliz vivia seu drama à porta de um homem abastado e que se satisfaria apenas com as migalhas que caíam da mesa fausta.

Apenas com as migalhas teria condições de prosseguir seu calvário em busca de dias melhores e tempos menos difíceis.

Dessa forma, concluímos, então, pelo valor das migalhas, muitas vezes desprezadas e em algumas circunstâncias até mesmo desconhecidas, mas que poderão, se devidamente utilizadas, render grandes e profícuos resultados no seio da coletividade em que vivemos.

Com migalhas de fé conseguiremos conduzir nossa vida pelos caminhos seguros da confiança na providência divina que a ninguém desampara, em momento algum.

Com migalhas de esperança estaremos sempre firmes e determinados a superar qualquer tipo de obstáculo que se interponha ao nosso desejo de ser feliz e viver com serenidade.

Com migalhas de compreensão saberemos suportar, com equilíbrio, as possíveis adversidades que possam surgir ao longo da nossa jornada, tentando impedir nossos sonhos de ventura.

Com migalhas de tolerância, por certo, não teremos dúvidas em conviver com as diferenças tão constantes e naturais no roteiro de vida de todas as criaturas.

Com migalhas de alegria veremos os fatos e acontecimentos do cotidiano, mesmo os mais difíceis e complicados, pelas lentes do bom ânimo e da resignação.

Com migalhas de otimismo reafirmaremos o vigor no prosseguimento das nossas lutas, buscando a superação dos desafios que surgem, naturalmente, pelas velas da existência.

Com migalhas de trabalho sério e contínuo veremos crescer a nossa colheita de bens e serviços em nosso favor e em favor daqueles que ombream seus dias conosco.

Com migalhas de perseverança demonstraremos a arrojo que carregamos no coração, dando seguimento aos nossos projetos de crescimento interior e amadurecimento pessoal, fatores básicos para a sustentação dos nossos ideais.

Com migalhas de coragem apresentaremos, a quem segue os nossos passos, as disposições destemidas que granjeamos, buscando vencer os defeitos e as mazelas que insistem em nos prender ao marasmo dos erros, equívocos e ilusões.

Com migalhas de renúncia aprenderemos a esperar um pouco mais para realizar as conquistas que entendemos ser importantes, mas que por ora não poderão se concretizar.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Com migalhas de fraternidade saberemos utilizar o amor – esse sentimento profundo e indispensável – como mecanismo de aglutinação de forças, amizade e entendimento, sempre preocupados em servir ao nosso próximo, pois é dando que se recebe.

Portanto, fazendo o uso devido das migalhas que temos à disposição, se desejarmos firmemente, construiremos o mundo de paz que sonhamos e conseguiremos viver a felicidade que desejamos.

Não percamos tempo. Usemos nossas migalhas.

Crônicas e Artigos

Nº 231 – 16/10/2011

O Consolador – (Marcelo Seneda)

IV. Parábola do Mau Rico

A importância do hoje

Temos no Novo Testamento, diversas passagens mostrando-nos a importância de considerarmos o valor do presente momento.

Na parábola do mau rico, o homem ganancioso pretendia a máxima segurança para sua opulência, sendo que aquele seria seu último dia sobre a Terra.

Quando o jovem mancebo escuta do Mestre a recomendação para segui-lo naquele momento, ele não teve forças para “colocar a mão na charrua sem olhar para trás”, e foi-se em busca dos bens materiais, perdendo a gloriosa oportunidade de encontrar sua redenção.

No livro “Há dois mil anos”, Emmanuel nos fala do glorioso instante do encontro de Publio Lentulus com Jesus, da oportunidade ímpar desprezada pelo orgulhoso senador romano.

Lendo tais passagens nos surpreendemos sobre quantas oportunidades espirituais são perdidas “pelos outros.” Mas e em relação a nós próprios? Estamos efetivamente considerando o devido valor ao dia de hoje?

Para a maioria de nós, a resposta é não.

Poucas vezes recordamos de nossa condição inexorável de Espíritos em rápido trânsito.

No cumprimento de nossas atividades diuturnas, por muitas vezes somos envolvidos com os muitos cuidados da matéria e estamos sempre “sem tempo” para zelarmos pela nossa evolução espiritual.

O fato é que “tempo é uma questão de preferência.” Fazemos aquilo que desejamos.

Um sinal de inteligência espiritual consiste em usarmos o tempo em favor de nosso progresso moral, o verdadeiro motivo de estarmos encarnados sobre a Terra.

O trabalho, as distrações, as conquistas materiais, todos estes aspectos são certamente merecedores de nosso respeito e atenção.

Mas sempre em segundo lugar. Em primeira importância, urge considerar nosso planejamento moral: conhecemos nossos defeitos? Quais virtudes nos estão mais próximas? Vivemos o dia de hoje com consciência? Ou nos conduzimos quais os antigos carros de bois, movimentando-nos conforme a vida nos espicaça com seu ferrão da dor?

Neste contexto, considerando a urgência de nosso progresso espiritual, em virtude do delicado momento pelo qual a Terra está passando, temos uma sugestão.

Adotemos a prática do Evangelho no Lar diariamente.

Tendo todos os dias um momento de oração, nossa vigilância se mostrará mais fortalecida.

A leitura diária do Evangelho nos proporcionará mais lucidez espiritual.

Teremos ensejo de considerar as conquistas e reveses sob a ótica serena da vida imortal.

E assim, viveremos cada ‘hoje’ com mais discernimento, alegria e paz em nossos corações!

Façamos como Paulo de Tarso que, em reconhecendo a autoridade moral do Cristo, retemperou seu ânimo e disse resoluto: “Senhor, que queres que eu faça?”

5. Parábola dos Talentos

6. O Senhor age como um homem que, tendo de fazer longa viagem fora do seu país, chamou seus servidores e lhes entregou seus bens. Depois de dar cinco talentos a um, dois a outro e um a outro, a cada um segundo a sua capacidade, partiu imediatamente. Então, o que recebeu cinco talentos foi-se, negociou com aquele dinheiro e ganhou cinco outros. O que recebera dois ganhou, do mesmo modo, outros tantos.

Mas o que apenas recebera um, cavou um buraco na terra e aí escondeu o dinheiro de seu amo. Passado longo tempo, o amo daqueles servidores voltou e os chamou a contas. Veio o que recebera cinco talentos e lhe apresentou outros cinco, dizendo:

“Senhor, entregaste-me cinco talentos; aqui estão, além desses, mais cinco que ganhei.” — Respondeu-lhe o amo: “Servidor bom e fiel; pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor.” — O que recebera dois talentos apresentou-se a seu turno e lhe disse: “Senhor, entregaste-me dois talentos; aqui estão, além desses, dois outros que ganhei.” — O amo lhe respondeu:

“Bom e fiel servidor; pois que foste fiel em pouca coisa, confiar-te-ei muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor.” — Veio em seguida o que recebeu apenas um talento e disse: “Senhor, sei que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e colhes de onde nada puseste; por isso, como te temia, escondi o teu talento na terra; aqui o tens: restituo o que te pertence.” — O homem, porém, lhe respondeu: “Servidor mau e preguiçoso; se sabias que ceifo onde não semeei e que colho onde nada pus, devias pôr o meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, a fim de que, regressando, eu retirasse com juros o que me pertence.” “Tirem-lhe, pois, o talento que está com ele e deem-no ao que tem dez talentos; porquanto, dar-se-á a todos os que já têm e esses ficarão cumulados de bens; quanto àquele que nada tem, tirar-se-lhe-á mesmo o que pareça ter; e seja esse servidor inútil lançado nas trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes.”

(Mateus, 25:14 a 30.)

Centro Espírita Batuira

Outubro / 2013

(Leda de Almeida Rezende Ebner)

V. Parábola dos Talentos

Parábola dos Talentos

“O Senhor age como um homem que, ao se ausentar para longe, chamou os seus servos e lhes entregou os seus bens.

E deu a um cinco talentos e a outro dois e a outro deu um, a cada um segundo a sua capacidade, e partiu logo.

O que recebera, pois, cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com eles e ganhou outros cinco.

Da mesma sorte também o que recebera dois, ganhou outros dois.

Mas o que havia recebido um, indo-se com ele, cavou na terra um buraco e ali escondeu o dinheiro do seu senhor.

E passando muito tempo, veio o senhor daqueles servos e chamou-os às contas.

E chegando-se a ele, o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos; eis aqui outros mais, que lucrei.

Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel; já que foste fiel nas coisas pequenas, dar-te-ei a intendência das grandes; entra no gozo do teu senhor.

Da mesma sorte apresentou-se também o que havia recebido dois talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dois talentos, e eis aqui outros dois que ganhei com eles.

Seu senhor lhe disse: Bem estás, servo bom e fiel; já que foste fiel nas coisas pequenas, dar-te-ei a intendência das grandes; entra no gozo do teu senhor.

E chegando também o que havia recebido um talento, disse: Senhor, sei que és um homem de rija condição; segas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste; e temendo me fui, escondi o teu talento na terra: eis aqui tens o que é teu.

E respondendo o seu senhor, lhe disse: Servo mau e preguiçoso, sabias que sego onde não semeiei e que recolho onde não tenho espalhado.

Devias logo dar o meu dinheiro aos banqueiros, e, vindo eu, teria recebido certamente com juro o que era meu. Tirai-lhe pois, o talento e dai-o ao que tem dez talentos.

Porque a todo o que tem, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem. E ao servo inútil, lançai-o nas trevas exteriores: ali haverá choro e ranger de dentes.”

(Mateus, 25:14 a 30.)

No primeiro parágrafo da parábola, vemos que o Senhor dá a cada homem, em cada existência, as experiências que lhe são necessárias, segundo a sua capacidade de vivenciá-las com proveito, desenvolvida em vidas anteriores.

O êxito ou o fracasso dependem da vontade no uso do livre-arbítrio de cada um. Deus dá sim, através das Suas leis, o frio conforme a coberta, como diz o ditado popular.

Aquele que sofre experiências mais difíceis é porque tem condições evolutivas de vencê-las, no progresso do bem próprio e dos que lhe partilham as experiências.

Na concepção espírita, todos têm os talentos necessários às suas experiências vivenciais, ninguém tem todos de uma vez.

Todos os Espíritos, tendo a mesma origem, as mesmas potencialidades espirituais, devendo realizar seu processo evolutivo através das reencarnações em mundos materiais, para tornar-se perfeito e feliz, têm também a liberdade de isso fazer segundo o seu livre-arbítrio, e no tempo que quiser.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Por isso, respondem por todos os seus atos bons e maus, durante esse desenvolvimento, tendo, a cada existência, as experiências necessárias e possíveis de serem vivenciadas com proveito.

Assim, uns têm mais talentos, outro têm menos, mas todos têm os que lhes são adequados às suas capacidades e necessidades, para as experiências atuais, atendendo à justiça que exige de cada um, apenas o que pode dar e fazer.

Todos já trazem dentro de si os talentos adequados a uma vivência de realizações e aproveitamento espiritual, conforme o seu estado evolutivo.

Esses talentos, que não são iguais para todos, porque têm por finalidade ser instrumentos de evolução para essa existência, são os bens materiais: corpo físico, dinheiro, família, amigos, doença, saúde, emprego, escola e os bens espirituais : inteligência, qualidades morais, habilidades, conhecimentos, vocações.

Usá-los em seu próprio favor e em benefício dos outros é evoluir com mais naturalidade, com mais segurança, equilíbrio e paz, recebendo sempre mais e novos talentos, no decorrer de sua evolução.

Usá-los somente para satisfazer seus desejos egoístas, causando sofrimentos a uns, prejudicando a outros, omitindo-se no bem, não usando seus talentos, é criar dores e sofrimentos, nas trevas exteriores, no choro e ranger de dentes, no plano espiritual ou em difíceis existências futuras, até que, cansado de sofrer, arrepende-se, e clama pelo Pai.

Recebe nova oportunidade de reencarnação, muitas vezes sem o talento que foi mal utilizado ou não usado. Dai “Porque a todo o que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; e ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem.”

Quem usa seus talentos, poucos ou muitos, de forma a colaborar no progresso de si mesmo e dos demais, aumenta-os, desenvolve-os, tornando-se merecedor de maiores responsabilidades em novos empreendimentos, com novos talentos.

Assim, devemos todos conhecermo-nos o mais possível, confiando na proteção divina, a fim de usar os talentos que temos, em favor da nossa autoeducação e em favor de todos os que nos cercam.

Momento Espírita

19/01/2016

V. Parábola dos Talentos

O servidor medroso

A parábola dos talentos é uma das mais conhecidas dentre as contadas por Jesus.

Segundo ela, um senhor que se ausentaria em viagem chamou seus servidores e lhes confiou seus bens.

A um deu cinco talentos, a outro deu dois e ao terceiro deu um.

Ao retornar de sua viagem, chamou os servidores para uma prestação de contas.

Os dois primeiros tinham multiplicado os talentos recebidos.

O senhor ficou satisfeito com sua fidelidade e prometeu lhes confiar mais coisas.

Entretanto, o terceiro limitou-se a enterrar o tesouro recebido.

Ao falar com o senhor, disse estar ciente da severidade dele e de que ele colhia onde nada semeara.

Por medo, não agira para multiplicar o talento que lhe fora confiado.

O senhor determinou que lhe tirassem o recurso que restara inútil em suas mãos.

É interessante observar a postura desse último servidor.

Por medo, ficou inerte.

Entendeu melhor enterrar seu talento do que se arriscar a cometer algum erro.

Terminou por perdê-lo de qualquer modo, tanto que foi entregue ao que já tinha dez talentos.

São inúmeras as leituras que se podem fazer dessa parábola.

Uma delas é que esses talentos representam os variados dons e recursos de que os homens são dotados.

A Providência Divina lhes faculta acesso a tesouros de inefável valor.

Pode ser a riqueza material, o dom da palavra, a vocação para as artes, para a maternidade, a medicina, o magistério.

Antes de retomar nova existência, renascendo, cada Espírito elabora, em linhas gerais, uma programação de vida.

Na existência terrena, lentamente os meios para cumprir o acordado e fazer o bem lhe chegam às mãos.

Nem sempre a criatura é feliz em suas opções.

São frequentes os êxitos parciais e mesmo os fracassos.

Como são imperfeitos e vivem para aprender, não é raro que homens se equivoquem.

Apenas é necessário tentar de verdade.

Dos equívocos surge a experiência, que facilitará o acerto mais tarde.

Nesse contexto, torna-se evidente o grave equívoco do servidor medroso.

Ele não se permitiu errar no empenho de acertar e ser útil.

Terminou por perder tudo sem ter auferido sequer a experiência oriunda da tentativa.

Convém refletir sobre isso sempre que surgir o desejo de desistir antes mesmo de tentar.

A prudência é uma virtude que mensura a eficiência dos meios de que se dispõe para a realização dos objetivos.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Se ela aponta alguma deficiência, esta deve ser trabalhada.

Entretanto, o medo é um péssimo conselheiro de vida.
Ele pode colocar a perder oportunidades valiosas de aprendizado e progresso.

Pense nisso.

6. Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria

7. Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia inferir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra e não segundo o espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, ideia que repugna à razão. Sem dúvida, pelos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, a riqueza constitui uma prova muito arriscada, mais perigosa do que a miséria. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual.

É o laço mais forte que prende o homem à Terra e lhe desvia do céu os pensamentos. Produz tal vertigem que, muitas vezes, aquele que passa da miséria à riqueza esquece de pronto a sua primeira condição, os que com ele a partilharam, os que o ajudaram, e faz-se insensível, egoísta e vão. Ao fato, porém, de a riqueza tornar difícil a jornada, não se segue que a torne impossível e não possa vir a ser um meio de salvação para o que dela sabe servir-se, como certos venenos podem restituir a saúde, se empregados a propósito e com discernimento.

Quando Jesus disse ao moço que o inquiria sobre os meios de ganhar a vida eterna: “Desfaze-te de todos os teus bens e segue-me”, não pretendeu, decerto, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só a esse preço se obtém; mas apenas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação. Aquele moço, com efeito, se julgava quite porque observara certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à ideia de abandonar os bens de que era dono. Seu desejo de obter a vida eterna não ia até o extremo de adquiri-la com sacrifício.

O que Jesus lhe propunha era uma prova decisiva, destinada a pôr a nu o fundo do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer do próximo, não ser vão, nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe, mas não tinha a verdadeira caridade; sua virtude não chegava até a abnegação. Isso o que Jesus quis demonstrar. Fazia uma aplicação do princípio: “Fora da caridade não há salvação.”

A consequência dessas palavras, em sua acepção rigorosa, seria a abolição da riqueza por prejudicial à felicidade futura e como causa de uma imensidade de males na Terra; seria, ademais, a condenação do trabalho que a pode granjear; consequência absurda, que reconduziria o homem à vida selvagem e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso, que é Lei de Deus.

Se a riqueza é causa de muitos males, se exacerba tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos inculpar, mas ao homem, que dela abusa, como de todos os dons de Deus. Pelo abuso, ele torna pernicioso o que lhe poderia ser de maior utilidade.

É a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir o bem. Se não é um elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual.

Com efeito, o homem tem por missão trabalhar pela melhoria material do planeta. Cabe-lhe desobstruí-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para alimentar essa população que cresce incessantemente, preciso se faz aumentar a produção.

Se a produção de um país é insuficiente, será necessário buscá-la fora. Por isso mesmo, as relações entre os povos constituem uma necessidade. A fim de mais as facilitar, cumpre sejam destruídos os obstáculos materiais que os separam e tornadas mais rápidas as comunicações.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Para trabalhos que são obra dos séculos, teve o homem de extrair os materiais até das entranhas da Terra; procurou na Ciência os meios de os executar com maior segurança e rapidez. Mas para os levar a efeito, precisa de recursos: a necessidade fê-lo criar a riqueza, como o fez descobrir a Ciência. A atividade que esses mesmos trabalhos impõem lhe amplia e desenvolve a inteligência, e essa inteligência que ele concentra, primeiro, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais.

Sendo a riqueza o meio primordial de execução, sem ela não mais grandes trabalhos, nem atividade, nem estimulante, nem pesquisas. Com razão, pois, é a riqueza considerada elemento de progresso.

Editorial

Nº 222 – 14/08/2011

O Consolador

VI. Utilidade providencial da riqueza.

Provas da riqueza e da miséria

As provas não vêm para nos abater, mas para serem superadas

Um dos assuntos mais frequentes nas consultas que esta revista recebe, provas e expiações, conquanto diferentes quanto às suas causas, têm igualmente importante valor educativo.

Provas, como o leitor certamente sabe, são desafios, testes, oportunidades de aquisição de experiência, dificuldades que nenhuma relação têm com equívocos ou erros cometidos no passado.

Riqueza, beleza, mesa farta, vida fácil, tanto quanto pobreza, feiura, vida difícil são provas.

Sua existência está intimamente ligada à necessidade que os Espíritos têm de progredir, rumo à meta que Deus assinalou para todos nós, que é a perfeição.

Ensina o Espiritismo que os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria e que todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Essa melhora se efetua por meio da reencarnação. A existência corpórea é, pois, uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a perfeição moral.

Na 2ª Parte, cap. II, de seu livro O Céu o Inferno, Kardec inseriu um importante depoimento sobre o que realmente representam as provas em nossa vida. O depoimento foi dado pelo Espírito de Paula, que foi condessa em sua última encarnação. Bela, jovem, rica e de estirpe ilustre, Paula – que faleceu aos 36 anos de idade – era também perfeito modelo de qualidades intelectuais e morais.

Eis parte da mensagem assinada por esse Espírito:

“Em várias existências passei por provas de trabalho e miséria que voluntariamente havia escolhido para fortalecer e depurar o meu Espírito; dessas provas tive a dita de triunfar, vindo a faltar, no entanto, uma, porventura de todas a mais perigosa: a da fortuna e bem-estar materiais, um bem-estar sem sombras de desgosto. Nessa consistia o perigo.

E antes de o tentar, eu quis sentir-me assaz forte para não sucumbir. Deus, tendo em vista as minhas boas intenções, concedeu-me a graça do seu auxílio.

Muitos Espíritos há que, seduzidos por aparências, pressurosos escolhem essa prova, mas, fracos para afrontar-lhe os perigos, deixam que as seduções do mundo triunfem da sua inexperiência.

Trabalhadores! Estou nas vossas fileiras: eu, a dama nobre, ganhei como vós o pão com o suor do meu rosto; saturei-me de privações, sofri reveses e foi isso que me retemperou as forças da alma; do contrário eu teria falido na última prova, o que me teria deixado para trás, na minha carreira.

Como eu, também vós tereis a vossa prova da riqueza, mas não vos apresseis em pedi-la muito cedo. E vós outros, ricos, tende sempre em mente que a verdadeira fortuna, a fortuna imorredoura, não existe na Terra; procurai antes saber o preço pelo qual podeis alcançar os benefícios do Todo-Poderoso.”

A expiação tem causas diferentes, pois decorre de faltas cometidas pelo Espírito em ocasiões diversas, parte delas na existência atual e a maioria em precedentes existências.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Segundo os ensinamentos espíritas, a expiação se cumpre durante a existência corpórea por meio das dificuldades ou vicissitudes a que o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais inerentes ao estado de inferioridade do Espírito.

Assim é que o mau rico, por expiação, poderá vir a ter de pedir esmola e se verá a braços com todas as privações oriundas da miséria; o orgulhoso, com todas as humilhações; o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e dureza seus subordinados se verá forçado a obedecer a um superior mais ríspido do que ele o foi.

De conformidade com o que aprendemos na doutrina espírita, sabemos que Deus jamais apressa a expiação e só a impõe ao Espírito que, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil e, ainda, quando tal fato for realmente útil para sua purificação e progresso.

Quando um Espírito enfrenta e supera uma adversidade, seja ela decorrente de prova, seja decorrente de expiação, ele avança um pouco mais na senda da evolução, ao mesmo tempo em que assimila a lição daí decorrente.

As provas escolares dão-nos uma boa imagem acerca do valor das provas que a vida nos oferece.

Se o aluno se sai bem e alcança a nota desejada, ele sobe para o grau ou a série seguinte, até que após algum tempo, concluído o processo, ele recebe o certificado ou diploma que atesta a conclusão do curso.

Devemos compreender, assim, que as provas não foram criadas por Deus para nos abater, mas para serem superadas e assimiladas, e nada têm que ver com castigo ou com punição, porque tais palavras não fazem parte do vocabulário de Deus.

Editorial

Nº 60 – 15/06/2008

O Consolador

VI. Utilidade providencial da riqueza.

Provas da riqueza e da miséria

O poder e sua força corruptora

A frase “o poder corrompe”, atribuída ao historiador inglês John Emerich Edward Dalberg, também conhecido como lorde Acton, é sempre invocada quando se desnudam fatos de corrupção e abuso de poder.

A tese de que o poder tem a capacidade de corromper é interessante, mas, examinada à luz da doutrina da reencarnação, apresenta facetas que provavelmente escapem ao observador comum. Poder, riqueza, projeção social compõem a lista das chamadas provas a que o ser humano se submete em suas múltiplas existências corporais.

A Terra é um mundo modesto e atrasado e, como tal, classificado pelo Espiritismo na categoria geral de planeta de provas e expiações.

Provas, como o próprio vocábulo indica, são testes, em tudo semelhantes aos testes que a criança e o jovem têm de enfrentar em sua passagem pelos bancos escolares, da pré-escola à faculdade.

Como ninguém ignora, só ascende ao ensino médio quem enfrentou o fundamental e neste foi aprovado.

Constituindo uma das provas mais difíceis que se apresentam à criatura humana em sua romagem terrena, o poder pode efetivamente fascinar e levar à queda todos aqueles que não dispõem da qualificação necessária para vencê-lo.

Dá-se o mesmo com relação a todas as provas.

A riqueza, por exemplo, é, dentre elas, uma das mais difíceis, como o próprio Cristo advertiu ao afirmar que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus.

Numa interessante mensagem que o leitor pode conferir no cap. II, segunda parte, do livro O Céu e o Inferno, de Allan Kardec, aquela que se chamou na Terra condessa Paula, desencarnada aos 36 anos de idade em 1851, declarou o seguinte:

“Em várias existências passei por provas de trabalho e miséria que voluntariamente havia escolhido para fortalecer e depurar o meu Espírito; dessas provas tive a dita de triunfar, vindo a faltar, no entanto uma, porventura de todas a mais perigosa: a da fortuna e bem-estar materiais, um bem-estar sem sombras de desgosto.

Nessa consistia o perigo.

E antes de o tentar, eu quis sentir-me assaz forte para não sucumbir.

Deus, tendo em vista as minhas boas intenções, concedeu-me a graça do seu auxílio. Muitos Espíritos há que, seduzidos por aparências, pressurosos escolhem essa provas, mas, fracos para afrontar-lhes os perigos, deixam que as seduções do mundo triunfem da sua inexperiência.”

Após a revelação contida na mensagem, a ex-condessa Paula acrescentou:

“Como eu, também vós tereis a vossa prova da riqueza, mas não vos apresseis em pedi-la muito cedo.

E vós outros, ricos, tende sempre em mente que a verdadeira fortuna, a fortuna imorredoura, não existe na Terra; procurai antes saber o preço pelo qual podeis alcançar os benefícios do Todo-Poderoso.”

Do que acima expusemos, tornam-se claras duas coisas:

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

1a. O poder corrompe, sim, mas apenas corrompe as criaturas imaturas que se seduzem com as benesses do cargo e se esquecem de que a vida é curta e que ninguém se encontra na Terra a passeio.

2a. O conhecimento da doutrina da reencarnação e das leis divinas que regem a nossa vida faria um bem imenso aos nossos políticos e governantes, que então saberiam que a cada ação corresponde uma reação de igual intensidade e sentido contrário, ou seja, para valer-nos de conhecida frase de Jesus:

“Quem matar com a espada morrerá sob a espada”.

7. Desigualdade das riquezas

8. A desigualdade das riquezas é um dos problemas que inutilmente se procurará resolver, desde que se considere apenas a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: Por que não são igualmente ricos todos os homens? Não o são por uma razão muito simples: por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar. É, aliás, ponto matematicamente demonstrado que a riqueza, repartida com igualdade, a cada um daria uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo efetuada essa repartição, o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e durável, tendo cada um somente com que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da Humanidade; que, admitido desse ela a cada um o necessário, já não haveria o aguilhão que impele os homens às grandes descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se expanda em quantidade suficiente, de acordo com as necessidades.

Admitido isso, pergunta-se por que Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Ainda aí está uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Dando-lhe o livre-arbítrio, quis Ele que o homem chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal e que a prática do primeiro resultasse de seus esforços e da sua vontade. Não deve o homem ser conduzido fatalmente ao bem, nem ao mal, sem o que não mais fora senão instrumento passivo e irresponsável como os animais. A riqueza é um meio de experimentar moralmente, mas como, ao mesmo tempo, é poderoso meio de ação para o progresso, não quer Deus que ela permaneça longo tempo improdutiva, pelo que incessantemente a desloca. Cada um tem de possuí-la para se exercitar em utilizá-la e demonstrar que uso sabe fazer dela. Sendo, no entanto, materialmente impossível que todos a possuam ao mesmo tempo, e acontecendo, além disso, que, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, com o que o melhoramento do planeta ficaria comprometido, cada um a possui por sua vez. Assim, um que não na tem hoje, já a teve ou terá noutra existência; outro, que agora a tem, talvez não na tenha amanhã. Há ricos e pobres, porque sendo Deus justo, como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno. A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação.

Deploram-se, com razão, o péssimo uso que alguns fazem das suas riquezas, as ignóbeis paixões que a cobiça provoca, e pergunta-se: Deus será justo, dando-as a tais criaturas? É exato que, se o homem só tivesse uma única existência, nada justificaria semelhante repartição dos bens da Terra; se, entretanto, não tivermos em vista apenas a vida atual e, ao contrário, considerarmos o conjunto das existências, veremos que tudo se equilibra com justiça. Carece, pois, o pobre de motivo assim para acusar a Providência, como para invejar os ricos e estes para se glorificarem do que possuem. Se abusam, não será com decretos ou leis suntuárias que se remediará o mal. As leis podem, de momento, mudar o exterior, mas não logram mudar o coração; daí vem serem elas de duração efêmera e quase sempre seguidas de uma reação mais desenfreada. A origem do mal reside no egoísmo e no orgulho: os abusos de toda espécie cessarão quando os homens se regerem pela lei da caridade.

Crônicas e Artigos

Nº 364 – 25/05/2014

O Consolador – (Waldenir Aparecido Cuin)

VII. Desigualdade das riquezas

A igualdade diante de Deus

“Todos os homens são iguais perante Deus? – Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez as suas leis para todos. Dizeis frequentemente: ‘O sol brilha para todos’ e, com isso, dizeis uma verdade maior e mais geral do que pensais.”

(Questão 803 de O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.)

Fomos criados por Deus na simplicidade e na ignorância, cabendo a cada um seguir o seu caminho, fazendo uso do livre-arbítrio concedido pelas leis universais.

Tendo a liberdade de escolha e a opção de deliberar conforme o nosso desejo, permite Deus, nosso Pai de eterna bondade, que amealhemos as experiências devidas, seguindo na direção das conquistas espirituais que nos farão perfeitos um dia.

As desigualdades que observamos em nosso meio social decorrem, evidentemente, da postura de cada criatura, uma vez que todas são livres para direcionarem suas vidas de conformidade com os interesses e objetivos que traçaram.

A estrutura do Código Divino não permite qualquer privilégio.

Aqueles que se apresentam diante da vida ostentando maiores aptidões e dando amostras de virtudes e qualidades superiores, assim o fazem por terem conquistado, mediante esforços próprios, os requisitos que identificamos.

As desigualdades sociais, tão expressivas no contexto das sociedades terrenas, são fruto direto da forma como cada ser humano aproveita as oportunidades que tem. Uns são capazes de extrair das dificuldades que vivem a motivação para a superação dos obstáculos do caminho, outros, diante da mesma situação, se prostram no comodismo e no desânimo, permanecendo estendidos no solo da inércia.

Boa parte da humanidade, ao invés, de usar a inteligência para o desenvolvimento de recursos que possibilitem a prosperidade geral, o que criaria oportunidade de progresso a todos, ainda exercita a intelectualidade, buscando apenas o atendimento de interesses particulares.

Fato idêntico podemos observar quanto à distribuição das riquezas. Muitos homens ainda dotados de caráter infeliz são capazes de movimentar os recursos materiais de forma a impedir que outros tantos tenham acesso ao necessário. Manipulam as riquezas objetivando apenas o bem-estar de alguns, em detrimento da necessidade dos demais.

Não fosse a cultura do egoísmo e do orgulho, da ambição desmedida e da avareza, essas chagas que comprometem a sociedade, criando todo tipo de prejuízo social possível, por certo, viveríamos na Terra em condições bem mais humanas, serenas e tranquilas.

O problema, obviamente, não está na origem das coisas, quando Deus instituiu o seu Código de Amor e Justiça, mas na interpretação humana dessas leis divinas, fato que tem gerado as desigualdades em todos os níveis terrenos.

Atribuir, agora, a Deus, o caos em que viemos é dar inequívocas amostras da nossa imaturidade diante da vida. É procurar justificar a nossa incapacidade de conviver socialmente, alegando falhas nas estruturas divinas.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Ninguém vive desamparado ao ponto de não contar com os recursos necessários ao seu progresso nem, tampouco, privilegiado de tal maneira que esteja dispensado dos esforços devidos ao aprimoramento que deva realizar.

Estamos mergulhados no pensamento divino, busquemos, então, o que é justo, correto, humano e digno, e tudo ao nosso redor seguirá o roteiro da igualdade.

Crônicas e Artigos

Nº 239 – 11/12/2011

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Livro dos Espíritos

VII. Desigualdade das riquezas

456. A sociedade poderia reger-se unicamente pelas leis naturais, se todos as compreendessem bem e as quisessem praticar. A sociedade tem, porém, suas exigências. São-lhe necessárias leis especiais.

(O Livro dos Espíritos, 794)

457. As ideias só pouco a pouco se modificam, conforme os indivíduos, e é preciso que algumas gerações passem, para que se apaguem totalmente os vestígios dos velhos hábitos. A transformação, pois, somente com o tempo, gradual e progressivamente, se pode operar. Para cada geração uma parte do véu se dissipa. O Espiritismo vem rasgá-lo de alto a baixo.

(L.E., 800)

458. Não se ensina às crianças o que se ensina aos adultos e não se dá ao recém-nascido um alimento que ele não possa digerir. Cada coisa tem seu tempo. Os Espíritos ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou adulteraram, mas que podem compreender agora.

(L.E., 801)

459. Por que os Espíritos não apressam o progresso da Humanidade por meio de manifestações generalizadas e patentes? Os que formulam essa pergunta desejariam, certamente, milagres; mas Deus os espalha a mancheias e, no entanto, há homens que ainda o negam. Nem o próprio Cristo conseguiu convencer os seus contemporâneos. Não; não é por meio de prodígios que Deus quer encaminhar os homens. Em sua bondade, ele lhes deixa o mérito de se convencerem pela razão.

(L.E., 802)

460. Deus criou iguais todos os Espíritos, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus de experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas.

(L.E., 804)

461. Necessária é a variedade de aptidões, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência. O que um não faz, fá-lo outro. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar. Ademais, sendo solidários entre si todos os mundos, necessário se torna que os habitantes dos mundos superiores – que, em sua maioria, foram criados antes do vosso – venham habitá-lo, para vos dar o exemplo.

(L.E., 804)

462. O Espírito, passando de um mundo a outro, conserva integralmente as faculdades adquiridas: o Espírito que progrediu não retrocede. Poderá ele escolher, quando desencarnado, um invólucro mais grosseiro, ou posição mais precária do que as que já teve, porém tudo isso para lhe servir de ensinamento e ajudá-lo a progredir.

(L.E., 805)

463. Os que abusam da superioridade de suas posições sociais, para oprimir os fracos, merecem anátema. Ai deles! Serão, por sua vez, oprimidos: renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer aos outros.

(L.E., 807)

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

464. A desigualdade das riquezas origina-se da desigualdade das faculdades? “Sim e não”, responderam os Espíritos, que, em seguida, acrescentaram: “Da velhacaria e do roubo, que dizes?”

(L.E., 808)

465. Kardec pondera: “Mas, a riqueza herdada não é fruto de paixões más”.

Resposta: “Que sabes a esse respeito? Busca a fonte de tal riqueza e verás que nem sempre é pura. Acreditas que a cobiça da riqueza, ainda quando bem adquirida, os desejos secretos de possuí-la o mais depressa possível, sejam sentimentos louváveis? É isso que Deus julga e eu te asseguro que o seu juízo é mais severo que o dos homens.”

(L.E., 808-A)

466. Os que herdaram uma riqueza inicialmente mal adquirida não são responsáveis pelo mal que outros hajam feito, sobretudo se o ignoram. Mas, muitas vezes a riqueza só vem ter às mãos de um homem, para lhe proporcionar ensejo de reparar uma injustiça. Feliz dele, se assim o compreende! Se a fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a ambos será a reparação levada em conta, porquanto, não raro, é este último quem a provoca.

(L.E., 809)

467. Toda ação produz seus frutos; doces são os das boas ações, amargos sempre os das outras. Sempre, entendei-o bem.

(L.E., 810)

468. Jamais existiu a igualdade absoluta das riquezas, nem é possível. A isso se opõe a diversidade das faculdades e dos caracteres. Os que julgam ser esse o remédio aos males da sociedade não compreendem que a igualdade seria a curto prazo desfeita pela força das coisas. Combatei o egoísmo, que é a vossa chaga social, e não corrais atrás de quimeras.

(L.E., 811)

469. Já o bem-estar é relativo e todos poderiam dele gozar, se se entendessem convenientemente, porque o verdadeiro bem-estar consiste em cada um empregar o seu tempo como lhe apraza e não na execução de trabalhos pelos quais nenhum gosto sente. Em tudo existe o equilíbrio; o homem é quem o perturba.

(L.E., 812)

470. Os homens se entenderão quando praticarem a lei de justiça.

(L.E., 812-A)

471. Já dissemos que a sociedade é, muitas vezes, a principal culpada quando alguém, por culpa própria, cai na miséria. Não tem ela que velar pela educação moral de seus membros? Quase sempre é a má educação que lhes falseia o critério, ao invés, de sufocar-lhes as tendências perniciosas.

(L.E., 813)

8. Instruções dos Espíritos

1. A verdadeira propriedade

9. O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir goza ele enquanto aqui permanece. Forçado, porém, que é a abandonar tudo isso, não tem das suas riquezas a posse real, mas, simplesmente, o usufruto. Que é então o que ele possui? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode arrebatá-lo, o que lhe será de muito mais utilidade no outro mundo do que neste. Depende dele ser mais rico ao partir do que ao chegar, visto como, do que tiver adquirido em bem, resultará a sua posição futura. Quando alguém vai a um país distante, constitui a sua bagagem de objetos utilizáveis nesse país; não se preocupa com os que ali lhe seriam inúteis. Procedei do mesmo modo com relação à vida futura; aprovisionai-vos de tudo o de que lá vos possais servir.

Ao viajante que chega a um albergue, bom alojamento é dado, se o pode pagar. A outro, de poucos recursos, toca um menos agradável. Quanto ao que nada tenha de seu, vai dormir numa enxerga. O mesmo sucede ao homem à sua chegada no mundo dos Espíritos: depende dos seus haveres o lugar para onde vá. Não será, todavia, com o seu ouro que ele o pagará. Ninguém lhe perguntará: Quanto tinhas na Terra? Que posição ocupavas? Eras príncipe ou operário? Perguntar-lhe-ão: Que trazes contigo?

Não se lhe avaliarão os bens, nem os títulos, mas a soma das virtudes que possua. Ora, sob esse aspecto, pode o operário ser mais rico do que o príncipe. Em vão alegrará que antes de partir da Terra pagou a peso de ouro a sua entrada no outro mundo. Responder-lhe-ão: Os lugares aqui não se compram: conquistam-se por meio da prática do bem. Com a moeda terrestre, hás podido comprar campos, casas, palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades da alma. És rico dessas qualidades? Sê bem-vindo e vai para um dos lugares da primeira categoria, onde te esperam todas as venturas. És pobre delas? Vai para um dos da última, onde serás tratado de acordo com os teus haveres.

(Pascal, Genebra, 1860.)

10. Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui a seu grado, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens. Tanto eles não constituem propriedade individual do homem, que Deus frequentemente anula todas as previsões e a riqueza foge àquele que se julga com os melhores títulos para possuí-la.

Direis, porventura, que isso se compreende no tocante aos bens hereditários, porém, não relativamente aos que são adquiridos pelo trabalho. Sem dúvida alguma, se há riquezas legítimas, são estas últimas, quando honestamente conseguidas, porquanto uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, da sua aquisição, não resulta dano para ninguém. Contas serão pedidas até mesmo de um único centil mal ganho, isto é, com prejuízo de outrem.

O fato, porém, de um homem dever a si próprio a riqueza que possua, seguir-se-á que, ao morrer, alguma vantagem lhe advenha desse fato? Não são amiúde inúteis as precauções que ele toma para transmiti-la a seus descendentes? Decerto, porquanto, se Deus não quiser que ela lhes vá ter às mãos, nada prevalecerá contra a sua vontade. Poderá o homem usar e abusar de seus haveres durante a vida, sem ter de prestar contas? Não. Permitindo-lhe que a adquirisse, é possível haja Deus tido em vista recompensar-lhe, no curso da existência atual, os esforços, a coragem, a perseverança. Se, porém, ele somente os utilizou na satisfação dos seus sentidos ou do seu orgulho; se tais haveres se lhe tornaram causa de falência, melhor fora não os ter possuído, visto que perde de um lado o que ganhou do outro, anulando o mérito de seu trabalho. Quando deixar a Terra, Deus lhe dirá que já recebeu a sua recompensa.

(M., Espírito protetor, Bruxelas, 1861.)

Crônicas e Artigos

Nº 106 – 10/05/2009

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

VIII. Instruções dos Espíritos

I. A verdadeira propriedade

Ricos e pobres

É errôneo imaginar ou afirmar que o Reino dos Céus não receberá os ricos. É pretender colocar riqueza e felicidade em situação de antagonismo.

Quem assim pensa e diz cita o próprio Mestre para justificar essa atitude, fazendo crer que só os pobres em bens materiais terão direito a felicidade plena. Baseiam-se no ensinamento evangélico de que

“É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”.

Maior engano é impossível se observarmos que:

1. Existem ricos de dinheiro e tão ricos de usura que se fazem mais pobres que os mendigos famintos da rua.
2. Existem ricos de tempo e tão ricos de preguiça que se fazem mais pobres que os escravizados às tarefas de sacrifício.
3. Existem ricos de afeto e tão ricos em ciúme, que se fazem mais pobres que os companheiros abandonados à solidão.

Jesus nunca condenou a riqueza, a posse de bens materiais, sobretudo porque é ela que promove o progresso sobre o planeta.

Fica claro que é dada, somente, uma interpretação do que está escrito como tal e não da essência das palavras benditas. Referia-se o Mestre aos sentimentos do orgulho, do egoísmo, da sensualidade e de tantos outros que nos tornam ricos em imperfeições e vícios dos mais diferentes quilates.

Os pobres, aos quais se refere, são os pobres em orgulho, em egoísmo, ou seja, em tudo aquilo que excita os sentimentos desenfreados do ser humano.

Expressões como “**eu tenho**”, “**isto é meu**” povoam nossas palavras e de tal maneira que não conseguimos pensar diferente. Acreditamos, realmente, que tudo o que está ao nosso redor, pessoas ou bens, são de nossa propriedade.

Vamos refletir um pouco sobre isso: se isto ou aquilo me pertence, significa que posso levar para onde for. No meu pensamento, tudo que amealhamos nos pertence.

Será que temos razão em pensar assim? Vejamos: Ao nascer, nada trazemos de material e encontramos algumas coisas. Ao partir deste mundo, deixamos outras.

Durante o tempo em que aqui permanecemos, **usufruímos desses bens**. Então, se nada trazemos e nada levamos, podemos dizer que, verdadeiramente, nada temos, pois não podemos carregar conosco ao deixarmos o corpo físico.

Vamos nos imaginar precisando viajar para outro país com um clima diferente do nosso. Na bagagem levaremos, sem dúvida, aquilo que for útil nesse lugar. Assim, também, quando ingressamos no mundo espiritual só podemos levar o que nos for útil lá.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Então, pensando na vida futura, na vida do Espírito, podemos nos perguntar: O que devo levar? A resposta virá imediatamente: “nada que seja material, nada que se destine ao uso do corpo, mas, sim, o que se refere à alma”.

E o que se refere à alma? Podemos dizer que é a inteligência, a aquisição de conhecimento – que ajudam o homem a promover mais riqueza e mais progresso para si e para os que o cercam –, o desenvolvimento das qualidades morais. Tudo isso representa a nossa verdadeira propriedade, pois mesmo durante a experiência planetária, podemos perder os bens materiais que amealhamos.

Quantos de nós conhecem casos em que famílias tiveram seus bens escorregando-lhes pelos dedos, julgando que os possuíam e vangloriando-se disso.

Esses desastres financeiros só vêm reforçar uma verdade: nada possuímos de nosso, pois os bens que julgamos ter são-nos dados para serem gerenciados por nós.

Sempre que essa verdade é colocada, alguém pergunta: E o homem que trabalhou dura e honestamente para conquistar seus bens, eles não lhes pertence? Certamente que sim.

Deus quis recompensá-lo, ainda durante a existência, pelo esforço, coragem e perseverança. Mas, se ele não a empregou bem, pensando apenas em si, satisfazendo seu orgulho e seu egoísmo, o que ganhou de um lado, perdeu de outro, anulando, assim, seu mérito.

Quando chegarmos ao Mundo dos Espíritos, ninguém quererá saber qual posição ocupávamos, que nome ilustre usávamos, quais eram nossas posses. Perguntar-nos-ão o que trazemos em virtudes, em trabalho no bem e em qualidades do coração.

Porque essas são as verdadeiras riquezas. Aquelas às quais Jesus nos conclama a possuir; aquelas que a ferrugem não corrói e ninguém nos rouba. A verdadeira propriedade.

Lembre-mos que todos somos ricos em alguma coisa, e que usando esses talentos que a vida nos confiou na tarefa de fazermos mais felizes aqueles que nos rodeiam, chegará o momento – nas palavras de Emmanuel – em que nos surpreenderemos mais ricos que todos os ricos da Terra, porque teremos entesourado no próprio coração, a eterna felicidade que verte do amor de Deus.

Referências:

- (1) **Emmanuel**, O Espírito da Verdade, (psicografia Chico Xavier e Waldo Vieira), (Lição 39, 1997.)
- (2) **Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVI), (itens 9 e 10.)

Crônicas e Artigos

Nº 141 – 17/01/2010

O Consolador – (Adilton Pugliese)

VIII. Instruções dos Espíritos

I. A verdadeira propriedade

A lição da escolha certa

“As coisas mais importantes da vida somente são valorizadas depois que passam ou se as perdem.” (Joanna de Ângelis – Vida Feliz)

O homem de todos os tempos, sobretudo dos dias modernos, tem concentrado a sua atenção em torno de inúmeras coisas que despertam o seu interesse.

Objetos e utensílios vários, muitos de avançada tecnologia, aguçam o seu desejo de posse, tudo fazendo para conquistá-los, no que se desgasta ou se deprime, quando não logra o êxito sonhado.

Há consideráveis registros de ocorrências envolvendo graves conflitos, especialmente entre familiares, na disputa de propriedades móveis e imóveis, bens semoventes e depósitos bancários, gerando, muitas vezes, litígios que conduzem os participantes na demanda jurídica a destilarem sentimentos de ódio e ressentimento, por se considerarem, as partes, cada uma merecedora do direito de domínio, jamais admitindo “divisão”, ou “renúncia”, ou “acordos”. Os que vencem essas batalhas no foro legal, saem delas, frequentemente, com acentuado desgaste emocional, a mente em desalinho, quando não descambam para a loucura aqueles derrotados na querela debatida em juízo.

Muito tem sofrido o homem que fixa os seus valores nas coisas transitórias do Mundo.

Alcançado pelo momento fatal de se despedir do corpo físico, através do fenômeno da morte, muitas vezes prematuramente, chega ao outro lado da vida portando superlativas aflições, cercado pelos fantasmas de seus desejos e aspirações menos dignas, que elegeram como metas importantes e legítimas, mantendo os seus ideais de dominação e poder, que se esfumaçam, ante a realidade espiritual da sobrevivência.

Nesses instantes, o desespero e o arrependimento conduzem-no aos momentos de dor, que antecedem as reflexões e o “encontro com a Verdade”, de que nos falou o Mestre. E é nesse staccato que descobre as coisas mais importantes que foram desvalorizadas e negligenciadas.

Em O Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec, no capítulo XVI, Não se pode servir a Deus e a Mamon, insere uma mensagem de Blaise Pascal, obtida em Genebra em 1860. O grande matemático, físico, filósofo e escritor francês, desencarnado em 1662, numa Instrução dos Espíritos, intitulada:

A verdadeira propriedade, destaca que “O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir goza ele enquanto aqui permanece.

Forçado, porém, que é a abandonar tudo isso, não tem das suas riquezas a posse real, mas, simplesmente, o usufruto. Que é então que ele possui? Nada do que é do uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode arrebatá-lo.”(1)

Narra o Evangelista Lucas que Jesus “estando em viagem, entrou numa aldeia” e, numa residência, é alvo da atenção especial de uma mulher chamada Maria, enquanto Marta, sua irmã,

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

busca os afazeres domésticos para homenagear o hóspede inesperado. As duas irmãs, ante a presença do Cristo, fazem escolhas diferentes: Maria ouve a palavra do Mestre, “homenageia o Jesus espiritual. Sua figura importa mais do que tudo porque Ele transmite a palavra de Deus”. Ela não se preocupa com as atividades que atraem o interesse de Marta, a qual, “não percebendo a messianidade de Jesus” (2), reclama da atitude da irmã, censurando-a, recebendo do Rabi, em resposta, a lição da escolha certa: “– Marta, Marta, tu te inquietas e te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, Maria **escolheu a melhor parte, que nunca lhe será tirada**”. (3)

Maria prefere ouvir a Voz do Amor, para aprender a amar-se e a amar os seus irmãos de Humanidade, e atingir a culminância do amor a Deus acima de todas as coisas.

O Espírito Joanna de Ângelis, em sua décima obra da **Série Psicológica**, Jesus e o Evangelho – à luz da Psicologia profunda -, psicografada pelo médium Divaldo Franco, destaca que Jesus compreendia a finalidade superior da propriedade, por isso, valorizou-a, quando conviveu com os homens de bem e aqueles que possuíam recursos, estimulando-os porém, a buscarem o reino dos Céus, de que se haviam esquecido. (4)

A oportunidade reencarnatória é valiosa bênção para o nosso progresso espiritual. Durante a viagem terrestre busquemos valorizar as coisas mais importantes, a fim de não perdê-las.

Referências bibliográficas:

(1) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (pp. 260/261.)

(2) **Quéré**, France. As mulheres do Evangelho. (p. 42.)

(3) **Evangelho de Lucas**, (10: 38 a 42.)

(4) **LEAL** – (p.145.)

8. Instruções dos Espíritos

2. Emprego da riqueza

11. Não podeis servir a Deus e a Mamom. Guardai bem isso em lembrança, vós, a quem o amor do ouro domina; vós, que venderíeis a alma para possuir tesouros, porque eles permitem vos eleveis acima dos outros homens e vos proporcionam os gozos das paixões. Não; não podeis servir a Deus e a Mamom! Se, pois, sentis vossa alma dominada pelas cobiças da carne, dai-vos pressa em alijar o jugo que vos oprime, porquanto Deus, justo e severo, vos dirá: “Que fizeste, ecônomo infiel, dos bens que te confiei? Esse poderoso móvel de boas obras exclusivamente o empregaste na tua satisfação pessoal.”

Qual, então, o melhor emprego que se pode dar à riqueza? Procurai nestas palavras: “Amai-vos uns aos outros”, a solução do problema. Elas guardam o segredo do bom emprego das riquezas. Aquele que se acha animado do amor do próximo tem aí toda traçada a sua linha de proceder. Na caridade está, para as riquezas, o emprego que mais apraz a Deus.

Não nos referimos, é claro, a essa caridade fria e egoísta, que consiste em a criatura espalhar ao seu derredor o supérfluo de uma existência dourada.

Referimo-nos à caridade plena de amor, que procura a desgraça e a ergue, sem a humilhar. Rico! dá do que te sobra; faz mais: dá um pouco do que te é necessário, porquanto o de que necessitas ainda é supérfluo; mas dá com sabedoria. Não repilas o que se queixa, com receio de que te engane; vai às origens do mal. Alivia, primeiro; em seguida, informa-te, e vê se o trabalho, os conselhos, mesmo a afeição não serão mais eficazes do que a tua esmola. Difunde em torno de ti, como os socorros materiais, o amor de Deus, o amor do trabalho, o amor do próximo. Coloca tuas riquezas sobre uma base que nunca lhes faltará e que te trará grandes lucros: a das boas obras. A riqueza da inteligência debes utilizá-la como a do ouro. Derrama em torno de ti os tesouros da instrução; derrama sobre teus irmãos os tesouros do teu amor e eles frutificarão.

(Cheverus, Bordeaux, 1861.)

12. Quando considero a brevidade da vida, dolorosamente me impressiona a incessante preocupação de que é para vós objeto o bem-estar material, ao passo que tão pouca importância dáis ao vosso aperfeiçoamento moral, a que pouco ou nenhum tempo consagrais e que, no entanto, é o que importa para a eternidade. Dir-se-ia, diante da atividade que desenvolveis, tratar-se de uma questão do mais alto interesse para a Humanidade, quando não se trata, na maioria dos casos, senão de vos pordes em condições de satisfazer a necessidades exageradas, à vaidade, ou de vos entregardes a excessos. Que de penas, de amofinações, de tormentos cada um se impõe; que de noites de insônia, para aumentar haveres muitas vezes mais que suficientes! Por cúmulo de cegueira, frequentemente se encontram pessoas escravizadas a penosos trabalhos, pelo amor imoderado da riqueza e dos gozos que ela proporciona, a se vangloriarem de viver uma existência dita de sacrifício e de mérito — como se trabalhassem para os outros, e não para si mesmas! Insensatos! Credes, então, realmente, que vos serão levados em conta os cuidados e os esforços que despendeis movidos pelo egoísmo, pela cupidez ou pelo orgulho, enquanto negligenciais do vosso futuro, bem como dos deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos os que gozam das vantagens da vida social? Unicamente no vosso corpo haveis pensado; seu bem-estar, seus prazeres foram o objeto exclusivo da vossa solicitude egoística. Por ele, que morre, desprezastes o vosso Espírito, que viverá sempre. Por isso mesmo, esse senhor tão animado e acariciado se tornou o vosso tirano; ele manda sobre o vosso Espírito, que se lhe constituiu escravo. Seria essa a finalidade da existência que Deus vos outorgou?

(Um Espírito protetor, Cracóvia, 1861.)

13. Sendo o homem o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe pôs nas mãos, contas severas lhe serão pedidas do emprego que lhes haja Ele dado, em virtude do seu livre-

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

arbítrio. O mau uso consiste em os aplicar exclusivamente na sua satisfação pessoal; bom é o uso, ao contrário, todas as vezes que deles resulta um bem qualquer para outrem.

O merecimento de cada um está na proporção do sacrifício que se impõe a si mesmo. A beneficência é apenas um modo de empregar-se a riqueza; ela dá alívio à miséria presente; aplaca a fome, preserva do frio e proporciona abrigo ao que não o tem. Dever, porém, igualmente imperioso e meritório é o de prevenir a miséria. Tal, sobretudo, a missão das grandes fortunas, missão a ser cumprida mediante os trabalhos de todo gênero que com elas se podem executar. Nem, pelo fato de tirarem desses trabalhos legítimo proveito os que assim as empregam, deixaria de existir o bem resultante delas, porquanto o trabalho desenvolve a inteligência e exalça a dignidade do homem, facultando-lhe dizer, altivo, que ganha o pão que come, enquanto a esmola humilha e degrada. A riqueza concentrada em uma mão deve ser qual fonte de água-viva que espalha a fecundidade e o bem-estar ao seu derredor. Ó vós, ricos, que a empregardes segundo as vistas do Senhor! O vosso coração será o primeiro a dessedentar-se nessa fonte benfazeja; já nesta existência fruireis os inefáveis gozos da alma, em vez dos gozos materiais do egoísta, que produzem no coração o vazio. Vossos nomes serão benditos na Terra e, quando a deixardes, o soberano Senhor vos dirá, como na Parábola dos Talentos: “Bom e fiel servo, entra na alegria do teu Senhor.” Nessa parábola, o servidor que enterrou o dinheiro que lhe fora confiado é a representação dos avaros, em cujas mãos se conserva improdutiva a riqueza. Se, entretanto, Jesus fala principalmente das esmolas, é que naquele tempo e no país em que Ele vivia não se conheciam os trabalhos que as Artes e a Indústria criaram depois e nas quais as riquezas podem ser aplicadas utilmente para o bem geral. A todos os que podem dar, pouco ou muito, direi, pois: dai esmola quando for preciso; mas, tanto quanto possível, convertei-a em salário, a fim de que aquele que a receba não se envergonhe dela.

– Fénelon. (Argel, 1860.)

Crônicas e Artigos

Nº 347 – 26/01/2014

O Consolador – (Rogério Coelho)

VIII. Instruções dos Espíritos

II. Emprego da riqueza

Verdade & paz

A riqueza não é necessária à felicidade

“Acalma-te, dá ritmo equilibrado aos teus interesses e encontrarás o filão de ouro que te conduzirá à felicidade.”

(Joanna de Ângelis) (1)

Disse Jesus(2): “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá”; “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”.

Enquanto nos mantivermos prisioneiros dos “valores” (leia-se: “desvalores”) do mundo, preferindo-os e preterindo os verdadeiros que são os valores espirituais, estaremos na condição de prisioneiros voluntários e escravos das nonadas que travam a nossa caminhada evolutiva.

Ninguém em sã consciência contrataria um jardineiro para cuidar das rosas fanadas que enfeitam uma jarra, negligenciando o jardim que ficaria exposto às pragas e às intempéries.

Pois bem, se figurarmos a jarra de flores como se fosse a vida material e o jardim como a vida espiritual, vamos observar que normalmente as criaturas estão focalizando toda a atenção na “jarra de flores” (vida material) em detrimento do “Jardim” vida espiritual).

Jesus já ressaltou essa característica humana ao dizer para Marta, irmã de Lázaro, que ela estava se deixando afligir e envolver por muitas coisas, quando, na verdade, apenas **uma** era necessária. Portanto, será bom avaliarmos como estamos distribuindo o nosso tempo entre os cuidados dispensados à “jarra de flores” e ao “Jardim”, vez que aquelas são transitórias e perecerão, enquanto o “Jardim” é eterno. Até quando vamos valorizar o que perece em detrimento do que permanece?

Um Espírito protetor, Fénelon e Lacordaire se alinham para dizer:(3)

“Quando considero a brevidade da vida, dolorosamente me impressiona a incessante preocupação de que é para vós objeto o bem-estar material, ao passo que tão pouca importância dais ao vosso aperfeiçoamento moral, a que pouco ou nenhum tempo consagrais e que, no entanto, é o que importa para a Eternidade. Dir-se-ia, diante da atividade que desenvolveis, tratar-se de uma questão do mais alto interesse para a Humanidade, quando não se trata, na maioria dos casos, senão de vos pordes em condições de satisfazer a necessidades exageradas, à vaidade, ou de vos entregardes a excessos. Que de penas, de amofinações, de tormentos cada um se impõe; que de noites de insônia, para aumentar haveres muitas vezes mais que suficientes! Insensatos! Credes, então, realmente, que vos serão levados em conta os cuidados e os esforços que despendeis movidos pelo egoísmo, pela cupidez ou pelo orgulho, enquanto negligenciais do vosso futuro, bem como dos deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos os que gozam das vantagens da vida social? Unicamente no vosso corpo haveis pensado; seu bem-estar, seus prazeres foram o objeto exclusivo da vossa solicitude egoística. Por ele, que morre, desprezastes o vosso Espírito, que viverá sempre. Por isso mesmo, esse senhor tão animado e acariciado se tornou o vosso tirano; ele manda sobre o vosso Espírito, que se lhe constituiu escravo. Seria essa a finalidade da existência que Deus vos outorgou?”

Sendo o homem o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe pôs nas mãos, contas severas lhe serão pedidas do emprego que lhes haja ele dado, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau uso consiste em aplicá-los exclusivamente na sua satisfação pessoal; bom é o uso, ao contrário, todas as vezes que deles resulta um bem qualquer para outrem. O merecimento

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

de cada um está na proporção do sacrifício que se impõe a si mesmo. O vosso coração será o primeiro a dessedentar-se nessa fonte benfazeja; já nesta existência fruireis os inefáveis gozos da alma, em vez dos gozos materiais do egoísta, que produzem no coração o vazio.

Nós nos devemos uns aos outros, e somente pela união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados será possível a regeneração. O amor aos bens terrenos constitui um dos mais fortes óbices ao vosso adiantamento moral e espiritual.

Nada vos pertence na Terra, nem sequer o vosso pobre corpo: a morte vos despoja dele, como de todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos iludais.

O desapego aos bens terrenos consiste em apreciá-los no seu justo valor, em saber servir-se deles em benefício dos outros e não apenas em benefício próprio, em não sacrificar por eles os interesses da vida futura, em perdê-los sem murmurar, caso apraza a Deus retirá-los.

Sede, antes de tudo, submissos; confiai n`Aquele que, tendo-vos dado e tirado, pode novamente restituir-vos o que vos tirou. Resisti animosos ao abatimento, ao desespero, que vos paralisam as forças e quando Deus vos desferir um golpe, não esqueçais nunca que, ao lado da mais rude prova, coloca sempre uma consolação. Ponderai, sobretudo, que há bens infinitamente mais preciosos do que os da Terra e essa ideia vos ajudará a desprender-vos destes últimos.

A ninguém ordena o Senhor que se despoje do que possua, condenando-se a uma voluntária mendicidade, porquanto o que tal fizesse tornar-se-ia em carga para a sociedade. Proceder assim fora compreender mal o desprendimento dos bens terrenos. Diga, pois, aquele a cujas mãos venha o que no mundo se chama uma boa fortuna: Meu Deus, tu me destinaste um novo encargo; dá-me a força de desempenhá-lo segundo a Tua santa vontade.

Aí tendes, meus amigos, o que eu vos queria ensinar acerca do desprendimento dos bens terrenos. Resumirei o que expus, dizendo: Sabei contentar-vos com pouco. Se sois pobres, não invejeis os ricos, porquanto a riqueza não é necessária à felicidade. Se sois ricos, não esqueçais que os bens de que dispodes apenas vos estão confiados e que tendes de justificar o emprego que lhes derdes, como se prestásseis contas de uma tutela. Não sejais depositário infiel, utilizando-os unicamente em satisfação do vosso orgulho e da vossa sensualidade”.

Joanna de Ângelis nos concita a não adiarmos indefinidamente o nosso momento de entrega, o momento de nos colocarmos em relação com o melhor tesouro, vez que “aí estará o nosso coração”, conforme acentuou Jesus, facultando-nos ou não a felicidade.

E ainda diz mais a querida Mentora(1):

“A tua escala de valores necessita de uma avaliação, pois depositas muita importância em coisas materiais. Acalma-te por um momento e já noutro retornam a incerteza e a insatisfação. A ânsia de querer mais e o veemente desejo de abarcar tudo te exaurem os nervos, e o equilíbrio bate em retirada.

Os tesouros valem o preço que lhes atribuis. Nenhum deles preenche o espaço da saudade de um ser amado ou traz o amor legítimo de alguém ao coração solitário.

Toda busca da Verdade, para legitimar-se, deve ser fundamentada na paz, pois a pressa responde pela imperfeição de qualquer obra quanto à indolência pela demora da realização. Assim, acalma-te, dá ritmo equilibrado aos teus interesses e encontrarás o filão de ouro que te conduzirá à felicidade. Jesus já veio ter contigo e deixou-te precioso legado, que ainda não conheces.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Ao Mahatma Gandhi bastou o “sermão da montanha” para completar-lhe a preciosa e missionária existência de homem de fé e ação.

Já o leste, meditando e aplicando-lhe os conceitos no dia a dia? Reavalia, pois, a tua existência, porque, talvez, sem aviso prévio, a morte chegue à tua porta, e, sem pedir licença, informe que está na hora do retorno. Como seguirás?

(1) **Franco** Divaldo, Momentos de Meditação, (cap. 15.)

(2) **Jo.**, (14:27 e 8:32.)

(3) **Kardec Allan**, O Evangelho seg. o Espiritismo, (cap. XVI, itens 12 a 14.)

Crônicas e Artigos

Nº 117 – 26/07/2009

O Consolador – (Márcia Margarida Moreira)

VIII. Instruções dos Espíritos

II. Emprego da riqueza

Posse material: demorada conquista

O homem é um ser real, revestido de corpo somático que lhe permite o processo de construção de valores ético-morais e aquisições espirituais, que o tornam pleno quanto mais conquista na escala evolutiva com o abandono das mazelas que lhe constituem embaraço ao progresso. A sua emancipação resulta do esforço que empreende para vencer obstáculos que lhe dificultam o voo no rumo da plenitude que o aguarda. Etapa a etapa, no entanto, adquire força que o impulsiona a vencer os empecilhos e alto encontra-se ao longo da marcha ascensional. Por instinto de conservação da vida, apega-se aos recursos que lhe passam pelo caminho: afetivos, emocionais, materiais e sem reservas morais suficientes, submete-se-lhes, escravizando-se, para depois vencer as ingentes lutas, a situação calamitosa a que se atirou.

A missão inteligente do ser humano na Terra é a de promover o próprio progresso, bem como o progresso geral, e aí reside o fim providencial da riqueza, que estimula a criatividade com fins nobres e dignifica o Espírito. A propriedade é conquista que resulta de longas buscas nos relacionamentos humanos, objetivando a harmonia e respeito pelos valores indispensáveis às trocas que fomentam o comércio, que nobilitam a existência e promovem o progresso.

Normalmente, porém, é aquisição digna de cada qual que envida sacrifício e habilidade, conhecimento e labor a fim de adquiri-la, pensando de forma providencial nos dias difíceis da velhice, da enfermidade e da morte.

A sociedade, de alguma forma, estabelece seus sistemas nos valores e posses dos grupos afins (entidades congêneres e nações) e seus recursos de modo a facilitar o intercâmbio, bem como a competitividade de produtos e bens de consumo entre as pessoas e os povos da Terra. Isso tem um fim providencial, que é desenvolver a indústria, a ciência, fomentar as artes, facilitar a comodidade e propiciar valores que contribuem para a sobrevivência dos indivíduos e grupos humanos. Portanto, entregar-se à sua conquista é dever de todo indivíduo que pensa e faz parte da sociedade. A família depende desses recursos, como a própria criatura, trabalhando em favor da harmonia do agrupamento no qual se encontra colocada.

O risco da posse ou da aquisição da propriedade não está no fato em si mesmo de consegui-la, mas na maneira como se dá, além do que representa emocionalmente. A posse que leva à riqueza, à fortuna, também facilita os desmandos, o exacerbar dos sentimentos vis como o orgulho, o egoísmo, a vaidade desmedida, a alucinação em detrimento do enriquecimento interior, que se consegue através da abnegação, da renúncia, do devotamento e, sobretudo, da seleção de valores entre aqueles que são eternos e os efêmeros.

Segundo Kardec, “se a riqueza somente males houvesse de produzir, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir bem”; por isso, Ele faculta a riqueza, proporcionando recursos ao ser humano para desenvolver a consciência e ampliar os sentimentos superiores. Mais importante, porém, do que os amoadados e acumulados em arcas ou bancos, são aqueles de ordem emocional e espiritual, moral e social: os sentimentos do dever que decorrem da consciência que atua em consonância com as Soberanas Leis da Vida.

São esses tesouros, sem dúvida, mais preciosos que os materiais que podem transformá-los em valiosos empreendimentos salvadores de vida, como a instrução, a educação, a libertação dos vícios em razão do amparo no campo da saúde e do trabalho, propiciando felicidade em toda parte.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Através da postura do amor e da caridade surge a compreensão de como aplicar-se a riqueza, multiplicando-a em obras que favoreçam a todos os seres com oportunidade de desenvolvimento dos valores internos. Na pobreza ou na riqueza, o ser adquire experiências valiosas que lhe devem constituir patrimônio de crescimento no rumo do Infinito.

Jesus compreendia a finalidade superior da propriedade, por isso valorizou-a quando conviveu com homens de bem e com aqueles que possuíam recursos, estimulando-os, porém, a buscar o reino dos céus, de que se haviam esquecido. Quando o Mestre Divino se reportou aos ricos, aparentemente apresentando palavras duras, não se deteve somente na referência aos detentores de coisas, moedas, minerais preciosos, propriedades, escravos, mas, também, aos possuidores de exacerbado orgulho, de incomum dureza de sentimentos, de rancor, de ódio, de presunção e de avareza, que, também, são possuidores de preciosos bens (na sua essência), de que não se dispõem a libertar. Para que ficasse inolvidável a lição, narrou, então, a parábola do rico que era dono de terras, que cuidava de ampliar a fortuna até o excesso, e quando já não tinha mais onde armazenar os haveres, propôs-se a dormir e a desfrutar de todos os bens até a exaustão, esquecido de que naquela noite o Senhor da Vida lhe tomaria a alma.

Aplicar a sã virtude da caridade faz que mais autoenriqueça o administrador, do que apenas amealhando nos cofres da usura e da avareza, nos quais perde totalmente o significado conforme é atribuído pela sociedade aos bens materiais.

Viver o presente tempo, como presente, dádiva em constante serviço de construção interior, exercendo a ação de enriquecimento geral, é o dever que cabe aos possuidores de riquezas que as tornarão abençoadas pelas contribuições que espalharem em torno de seus recursos.

Portanto, a fortuna, seja como for que se manifeste, é alta responsabilidade para seu detentor, que terá de prestar contas, inicialmente a si mesmo, pelo acordar da consciência responsável – quando desperta e se impõe a culpa pelo seu mau emprego – e diante da Consciência Cósmica da qual ninguém se evade por presunção, capricho ou infantilidade emocional.

Referências:

Ângelis Joanna de, Jesus e o Evangelho à Luz da Psicologia Profunda,(psicografia, Divaldo P. Franco)

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 811.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. 16 e 17.)

Emmanuel, Fonte Viva, (psicografia, Chico Xavier), (lição 9.)

Emmanuel, Caminho Verdade e Vida, (psicografia, Chico Xavier), (lições 56, 58 e 59.)

8. Instruções dos Espíritos

3. Desprendimento dos bens terrenos

14. Venho, meus irmãos, meus amigos, trazer-vos o meu óbolo, a fim de vos ajudar a avançar, desassombadamente, pela senda do aperfeiçoamento em que entrastes. Nós nos devemos uns aos outros; somente pela união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados será possível a regeneração.

O amor aos bens terrenos constitui um dos mais fortes óbices ao vosso adiantamento moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destruíis as vossas faculdades de amar, com as aplicardes todas às coisas materiais. Sede sinceros: proporciona a riqueza uma felicidade sem mescla? Quando tendes cheios os cofres, não há sempre um vazio no vosso coração? No fundo dessa cesta de flores não há sempre oculto um réptil? Compreendo a satisfação, bem justa, aliás, que experimenta o homem que, por meio de trabalho honrado e assíduo, ganhou uma fortuna; mas dessa satisfação, muito natural e que Deus aprova, a um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração vai grande distância, tão grande quanto a que separa da prodigalidade exagerada a sórdida avareza, dois vícios entre os quais colocou Deus a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixaza.

Quer a fortuna vos tenha vindo da vossa família, quer a tenhais ganho com o vosso trabalho, há uma coisa que não deveis esquecer nunca: é que tudo promana de Deus, tudo retorna a Deus. Nada vos pertence na Terra, nem sequer o vosso pobre corpo: a morte vos despoja dele, como de todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos iludais. Deus vo-los emprestou, tendes de lhos restituir; e Ele empresta sob a condição de que o supérfluo, pelo menos, caiba aos que carecem do necessário.

Um dos vossos amigos vos empresta certa quantia. Por pouco honesto que sejais, fazeis questão de lha restituirdes escrupulosamente e lhe ficais agradecido. Pois bem: essa a posição de todo homem rico. Deus é o amigo celestial, que lhe emprestou a riqueza, não querendo para si mais do que o amor e o reconhecimento do rico. Exige deste, porém, que a seu turno dê aos pobres, que são, tanto quanto ele, seus filhos.

Ardente e desvairada cobiça despertam nos vossos corações os bens que Deus vos confiou. Já pensastes, quando vos deixais apegar imoderadamente a uma riqueza perecível e passageira como vós mesmos, que um dia tereis de prestar contas ao Senhor daquilo que vos veio dele? Olvidais que, pela riqueza, vos revestistes do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra, para serdes da aludida riqueza dispensadores inteligentes? Portanto, quando somente em vosso proveito usais do que se vos confiou, que sois, senão depositários infiéis? Que resulta desse esquecimento voluntário dos vossos deveres? A morte, inflexível, inexorável, rasga o véu sob que vos ocultáveis e vos força a prestar contas ao Amigo que vos favorecera e que nesse momento enverga diante de vós a toga de juiz.

Em vão procurais na Terra iludir-vos, colorindo com o nome de virtude o que as mais das vezes não passa de egoísmo. Em vão chamais economia e previdência ao que apenas é cupidez e avareza, ou generosidade ao que não é senão prodigalidade em proveito vosso. Um pai de família, por exemplo, se abstém de praticar a caridade, economizará, amontoará ouro, para, diz ele, deixar aos filhos a maior soma possível de bens e evitar que caiam na miséria. É muito justo e paternal, convenho, e ninguém pode censurar. Mas será sempre esse o único móvel a que ele obedece? Não será muitas vezes um compromisso com a sua consciência, para justificar, aos seus próprios olhos e aos olhos do mundo, seu apego pessoal aos bens terrenos? Admitamos, no entanto, seja o amor paternal o único móvel que o guie. Será isso motivo para que esqueça seus irmãos perante Deus? Quando já ele tem o supérfluo, deixará na miséria os filhos, por lhes ficar um pouco menos desse supérfluo? Não será, antes, dar-lhes uma lição de egoísmo e endurecer-lhes os corações? Não será estiolar neles o amor ao próximo? Pais e mães, laborais em grande

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

erro, se credes que desse modo granjeais maior afeição dos vossos filhos. Ensinando-lhes a ser egoístas para com os outros, ensinai-lhes a sê-lo para com vós mesmos.

A um homem que muito haja trabalhado, e que com o suor de seu rosto acumulou bens, é comum ouvirdes dizer que, quando o dinheiro é ganho, melhor se lhe conhece o valor. Nada mais exato. Pois bem! Pratique a caridade, dentro das suas possibilidades, esse homem que declara conhecer todo o valor do dinheiro, e maior será o seu merecimento, do que o daquele que, nascido na abundância, ignora as rudes fadigas do trabalho.

Mas também se esse homem, que se recorda dos seus penares, dos seus esforços, for egoísta, impiedoso para com os pobres, bem mais culpado se tornará do que o outro, pois, quanto melhor cada um conhece por si mesmo as dores ocultas da miséria, tanto mais propenso deve sentir-se em aliviá-las nos outros.

Infelizmente, sempre há no homem que possui bens de fortuna um sentimento tão forte quanto o apego aos mesmos bens: é o orgulho. Não raro, vê-se o arrivista atordoar, com a narrativa de seus trabalhos e de suas habilidades, o desgraçado que lhe pede assistência, em vez de acudi-lo e acabar, dizendo: “Faça o que eu fiz.” Segundo o seu modo de ver, a bondade de Deus não entra por coisa alguma na obtenção da riqueza que conseguiu acumular; pertence-lhe a ele, exclusivamente, o mérito de a possuir. O orgulho lhe põe sobre os olhos uma venda e lhe tapa os ouvidos. Apesar de toda a sua inteligência e de toda a sua aptidão, não compreende que, com uma só palavra, Deus o pode lançar por terra.

Esbanjar a riqueza não é demonstrar desprendimento dos bens terrenos: é descaso e indiferença. Depositário desses bens, não tem o homem o direito de os dilapidar, como não tem o de os confiscar em seu proveito. Prodigalidade não é generosidade: é, frequentemente, uma modalidade do egoísmo. Um, que despenda a mancheias o ouro de que disponha, para satisfazer a uma fantasia, talvez não dê um centavo para prestar um serviço. O desapego aos bens terrenos consiste em apreciá-los no seu justo valor, em saber servir-se deles em benefício dos outros e não apenas em benefício próprio, em não sacrificar por eles os interesses da vida futura, em perdê-los sem murmurar, caso apraza a Deus retirá-los. Se, por efeito de imprevistos reveses, vos tornardes qual Jó, dizei, como ele: “Senhor, Tu mos havias dado e mos tiraste. Faça-se a tua vontade.” Eis aí o verdadeiro desprendimento. Sede, antes de tudo, submissos; confiai naquele que, tendo-vos dado e tirado, pode novamente restituir-vos o que vos tirou. Resisti animosos ao abatimento, ao desespero, que vos paralisam as forças.

Quando Deus vos desferir um golpe, não esqueçais nunca que, ao lado da mais rude prova, coloca sempre uma consolação. Ponderai, sobretudo, que há bens infinitamente mais preciosos do que os da Terra e essa ideia vos ajudará a desprender-vos destes últimos. O pouco apreço que se ligue a uma coisa faz que menos sensível seja a sua perda. O homem que se aferra aos bens terrenos é como a criança que somente vê o momento que passa. O que deles se desprende é como o adulto que vê as coisas mais importantes, por compreender estas proféticas palavras do Salvador: “O meu reino não é deste mundo.”

A ninguém ordena o Senhor que se despoje do que possua, condenando-se a uma voluntária mendicidade, porquanto o que tal fizesse tornar-se-ia em carga para a sociedade. Proceder assim fora compreender mal o desprendimento dos bens terrenos. Fora egoísmo de outro gênero, porque seria o indivíduo eximir-se da responsabilidade que a riqueza faz pesar sobre aquele que a possui. Deus a concede a quem bem lhe parece, a fim de que a administre em proveito de todos. O rico tem, pois, uma missão, que ele pode embelezar e tornar proveitosa a si mesmo. Rejeitar a riqueza, quando Deus a outorga, é renunciar aos benefícios do bem que se pode fazer, gerindo-a com critério. Sabendo prescindir dela quando não a tem, sabendo empregá-la utilmente quando a possui, sabendo sacrificá-la quando necessário, procede a criatura de

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

acordo com os desígnios do Senhor. Diga, pois, aquele a cujas mãos venha o que no mundo se chama uma boa fortuna: Meu Deus, tu me destinaste um novo encargo; dá-me a força de desempenhá-lo segundo a tua santa vontade.

Aí tendes, meus amigos, o que eu vos queria ensinar acerca do desprendimento dos bens terrenos. Resumirei o que expus, dizendo: Sabei contentar-vos com pouco. Se sois pobres, não invejeis os ricos, porquanto a riqueza não é necessária à felicidade. Se sois ricos, não esqueçais que os bens de que dispondes apenas vos estão confiados e que tendes de justificar o emprego que lhes derdes, como se prestásseis contas de uma tutela. Não sejais depositário infiel, utilizando-os unicamente em satisfação do vosso orgulho e da vossa sensualidade. Não vos julgueis com o direito de dispor em vosso exclusivo proveito daquilo que recebestes, não por doação, mas simplesmente como empréstimo. Se não sabeis restituir, não tendes o direito de pedir, e lembrai-vos de que aquele que dá aos pobres, salda a dívida que contraiu com Deus. (Lacordaire, Constantina, 1863.)

Crônicas e Artigos

Nº 378 – 31/08/2014

O Consolador – (Ivomar Schuler da Costa)

VIII. Instruções dos Espíritos

III. Desprendimento dos bens terrenos

**Desinteresse pessoal e desapego:
Dois lados da mesma moeda**

A caridade é o centro da moral espírita e cristã. Ninguém poderá se declarar verdadeiramente espírita sem compreender e esforçar-se por praticá-la. É uma virtude sintética, ou seja, é o resultado da interação entre várias virtudes. Entre estas encontramos duas, o desinteresse pessoal e desapego, que são simultaneamente elementares e componentes nucleares da caridade.

Benevolência, indulgência, abnegação e devotamento, as outras elementares(1), são influenciadas e dependentes das nucleares. Pode-se dizer que sem os vínculos produzidos por estas, aquelas virtudes por si sós, apesar, do seu valor intrínseco, não produzem a caridade. As virtudes nucleares estabelecem os vínculos entre as outras gerando unidade e lhes potencializando simultaneamente os efeitos. Esta unidade e sinergia é que forma a caridade. Conseqüentemente, nessa perspectiva, a caridade é também a propriedade que emerge das relações entre estas virtudes.

Se representarmos a caridade como dois círculos, sendo um deles menor, concêntrico e central, as nucleares estariam localizadas no menor e as outras distribuídas em seções do maior.

As nucleares estão unidas de tal forma que não se pode separá-las sem prejudicar o entendimento e a prática da caridade, porquanto formam um todo, como se fossem os dois lados de uma moeda.

Nas obras fundamentais, os Espíritos costumam tratar o desinteresse pessoal e o desapego como sinônimos. No entanto, é possível perceber que existem algumas diferenças significativas somente compreensíveis por meio de uma análise atenta. Vejamos cada um dos conceitos destas virtudes.

A perfeição moral está em relação direta com o amor(2). Quanto mais amamos, mais nos aproximamos da perfeição. Amar é fazer o bem. A característica marcante da perfeição é a presença da virtude(3) do desinteresse pessoal(4), que é a recusa de qualquer retribuição, material, social ou psicológica, pelo bem praticado. Aquele que não alimenta interesses individuais faz o bem com o único objetivo de agradar a Deus e ao próximo, impelido pelo amor que tem dentro de si, ao contrário daquele que o faz esperando receber algum tipo de vantagem(5); ou seja, faz o bem por cálculo, como se fosse uma conta em que subtraído o bem-feito ainda restaria algum bem como lucro para si mesmo, e não por amor(6). O interesse ocorre quando o bem é realizado com a ideia preconcebida, ou seja, com a intenção de obter alguma vantagem para o autor da ação. A ostentação, isto é, a divulgação do bem realizado com o objetivo de obter a admiração alheia é também uma das manifestações desse interesse. Nesta situação não existe a prática do bem pelo bem, mas sim a realização de uma troca. Atentemos que a gratuidade é a condição da existência da caridade. O desinteresse pessoal atinge o suprássimo, a sublimidade(7), quando o benfeitor inverte os papéis e se coloca como beneficiado(8).

O amor é uma potência existente em todos os seres da criação(9). Embora possa parecer um contrassenso, tanto o bem quanto o mal têm origem nele, ou melhor, na direção que a vontade(10) dá a essa potência divina. Quando dirigido ao bem exclusivo e em primeiro lugar ao próprio indivíduo amante, é chamado de egoísmo(11). Ele pode também ser dirigido para coisas, animais ou pessoas, mas visando primeiramente ao bem do emissor. Neste caso ele se utiliza das pessoas como instrumentos para o próprio bem, e não como finalidade do seu amor. Quer dizer,

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

ele ama a si em primeiro lugar. Ainda que o seu amor beneficie outrem é a si mesmo que busca satisfazer. O benefício ao outro é, portanto, apenas um efeito colateral. Ao amor às coisas, sobretudo às riquezas materiais, se chama cobiça(12). O amor à posse exclusiva e concentração improdutiva de bens materiais ou intelectuais é conhecido como avareza. De maneira geral, esse amor, carregado de desejo de posse exclusiva, independentemente do objeto ao qual é dirigido, sejam coisas, animais, pessoas, situações, posições, imagens e estados recebe o nome de apego. Não se deve confundir, no entanto, a satisfação natural pela conquista justa de bens terrenos com o apego.

O apego aos bens terrenos é um forte obstáculo à libertação do egoísmo(13), pois sendo aquele filho deste, a sua conservação nada mais é do que o estímulo e fortalecimento do mau uso de uma potência extraordinária; mau uso que ao, invés de libertar, aprisiona ainda mais. Além de aprisionar, também destrói.

O apego constitui um dos mais fortes óbices ao nosso progresso moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destruímos as nossas faculdades de amar, ao as aplicarmos às coisas materiais(14). Assim, quando aumenta o apego, expressão de egoísmo, diminui a caridade, que é o bom uso e expressão do amor. O órgão ou faculdade que não é usado definha; a pessoa que não ama aos outros acaba amando somente a si mesma, aprisionando-se num círculo de egoísmo.

Contrariamente, “O desapego aos bens terrenos consiste em apreciá-los no seu justo valor, em saber servir-se deles em benefício dos outros e não apenas em benefício próprio, em não sacrificar por eles os interesses da vida futura, em perdê-los sem murmurar, caso apraza a Deus retirá-los” (15). Está evidente que o desapego é o bom uso do amor, isto é, o direcionamento dele para o bem de outrem, utilizando as coisas como instrumentos, partilhando-as e distribuindo-as inteligentemente(16) e não com prodigalidade, tornando produtivos os bens materiais ou imateriais, tangíveis ou intangíveis do qual o amante é o possuidor, procurando promover o bem do próximo em primeiro lugar e sabendo desprender-se deles quando as alterações da vida no-los retirarem ou a necessidade do próximo exigir satisfação. Todavia, não há que se confundir desapego com despojamento total dos bens que o indivíduo possua, com miséria voluntária, pois isso apenas o tornaria dependente de outras pessoas e, portanto, mais um problema a ser resolvido. Tal ação seria um modo diferente de egoísmo por fuga da responsabilidade.

A explicitação dos conteúdos de cada uma dessas virtudes tornou claro que embora sendo tão próximas a ponto de serem consideradas idênticas, pelo menos intelectualmente, podemos separá-las. No desinteresse pessoal predominam os aspectos intelectivos, e está mais voltado para os fins, que é o bem do próximo. No desapego predominam os aspectos afetivos, e está mais voltado para a correta utilização dos meios que produzirão aquele bem. Portanto, estas duas virtudes contêm aspectos que as complementam e as acoplam fortemente, constituindo um todo. Entender esta relação é uma tarefa essencial para quem deseja sinceramente praticar a verdadeira caridade, tendo em vista que elas unificam, influenciam e potencializam as outras virtudes. Desinteresse pessoal e desapego são condições necessárias à existência da caridade.

(1) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVII, Sede perfeitos, item 2.)

(2) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVII, Sede perfeitos, item 2.)

(3) **kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (Cap. XII, questão 896.)

(4) **kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (Cap. XII, questão 895.)

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

- (5) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XIII, Não saiba a vossa mão esquerda... item 8.)
- (6) **kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (Cap. XII, questão 897, 897^a, e 897b.)
- (7) **kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (Cap. XII, questão 893.)
- (8) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XIII, Não saiba a vossa mão esquerda... item 3.)
- (9) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XI, Amar o próximo como a si mesmo, item 9.)
- (10) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVI, Não se pode amar a Deus e a Mamom, item 8.)
- (11) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVI, Não se pode amar a Deus e a Mamom, item 8.)
- (12) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVI, Não se pode amar a Deus e a Mamom, item 14.)
- (13) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVI, Não se pode amar a Deus e a Mamom, item 7.)
- (14) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVI, Não se pode amar a Deus e a Mamom, item 14.)
- (15) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVI, Não se pode amar a Deus e a Mamom, item 14 § 9.)
- (16) **kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. XVI, Não se pode amar a Deus e a Mamom, item 7, 11 e 14.)

Crônicas e Artigos

Nº 223 – 21/08/2011

O Consolador – (Édo Mariani)

VIII. Instruções dos Espíritos

III. Desprendimento dos bens terrenos

Preparatório para a desencarnação

A capacidade de saber renunciar, virtude ensinada pelos postulados do Espiritismo, aprendida e vivenciada durante a existência terrena, é um fator que ajuda o desprendimento do Espírito no fenômeno da chamada morte, quando se retorna ao mundo espiritual.

Não é apenas o apego aos bens materiais que dificulta o desligamento do Espírito, pois há outros fatores como a inclinação afetuosa ao trabalho que se realiza, bem como a afeição pelos familiares e amigos que causa dor na despedida.

No livro Obreiros da Vida Eterna, de André Luiz, recebido através da psicografia de Chico Xavier, o Espírito Bezerra de Menezes ensina que: “morrer é muito mais fácil do que nascer.”

Ensina ainda que, no aconselhamento à Adelaide, que se preparava para a desencarnação: “Ajude a você mesma, libertando a mente dos elos que a imantam a pessoas, acontecimentos, coisas e situações da Vida terrena. Não se detenha. Quando for chamada, não olhe para trás”.

Notando a preocupação de Adelaide, fala-lhe compreensivamente: “Também passei por aí. Creia, entretanto, que a lembrança de Jesus ao pé de Lázaro, foi ajuda certa ao meu coração, em transe igual. Busquei insular-me, cerrar ouvidos aos chamamentos do sangue, fechar a visão aos interesses terrenos, e a liberdade, afinal, deu-se em poucos segundos. Pensei nos ensinamentos do Mestre ao chamar Lázaro, de novo, à existência, e recordei-me das palavras: - ‘Lázaro, sai para fora!’ Centralizando a atenção na passagem evangélica, afastei-me do corpo grosseiro sem obstáculo algum!”

Avaliemos, por aí, as preocupações que agride o Espírito que pressente o momento da partida. Os aconselhamentos de Bezerra servem de alerta e nos advertem sobre a necessidade da preparação antecipada.

Aprendemos que, além do preparo individual, é importante prevenir, através da orientação e de esclarecimentos a respeito da desencarnação, informando aos corações amigos, ligados pelos laços do afeto, que não há morte; que somos Espíritos imortais e que não existe separação eterna.

Temos conhecimento, através dos íntimos de Cairbar Schutel, que ele já vinha doente de algum tempo e, em 30 de janeiro de 1938, no momento da desencarnação, o desligamento do corpo físico havia se iniciado. Entretanto, os amigos que o assistiam, ao perceberem que o desenlace estava acontecendo, se desesperaram e, aflitos, oravam convocando-o a retornar. Cairbar, sentindo o desespero dos amigos, com algum esforço retornou e lhes disse: “Por que me chamaram? Eu estava tão bem do outro lado”, e continuou no corpo físico por mais algumas horas.

Esse fato o deve ter preocupado muito. Ele, profundo estudioso do Espiritismo e lutador incansável em favor do bem do próximo, foi levado a considerar a necessidade de esclarecimento aos que ficaram para que com eles não acontecesse o mesmo em idêntica situação, dificultando a partida para o mundo espiritual.

Algum tempo passou, mas quando surgiu oportunidade transmitiu-nos o necessário alerta. Assim é que encontramos no livro Mereça ser Feliz, ditado pelo Espírito Ermance Dufaux, no capítulo 29, o ensinamento que transcrevemos: “Nas vésperas do meu desencarne, os temperamentos dos

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

espíritas foram alvo de profundas preocupações de minha parte. Suas atitudes faziam-me recordar a trajetória religiosa do homem comum, e isso a mim intrigava. Somente na vida Espiritual pude compreender com mais lucidez a questão dos perfis espirituais que definem os temperamentos e o caráter, encontrando então respostas convincentes a muitas de minhas dúvidas”. Mais adiante ele completa: “Entendi que, mesmo sendo portadores de conhecimentos e da fé, precisarão de mais tempo para permitir uma renovação nesse perfil milenar”.

Entendemos, dessa forma, que os ensinamentos, tanto de André Luiz, como de Cairbar, nos levam a meditar sobre o tema da desencarnação e nos preocuparmos em nos preparar individualmente, de forma adequada, para o momento do desencarne. O mesmo, deveremos fazer com os amigos e parentes para que, ao invés, de dificultar o desenlace, colaborar para que se realize com a tranquilidade necessária, evitando dificuldades e sofrimentos para quem parte e para os que ficam na retaguarda.

Vale meditarmos sobre essas considerações recomendadas por Espíritos amigos, que passaram pela experiência do retorno e voltaram para nos elucidar sobre o que sentiram e como se prepararam para o momento final, pois, mais cedo ou mais tarde, todos passaremos por idêntico processo de libertação.

8. Instruções dos Espíritos

4. Transmissão da riqueza

15. O princípio, segundo o qual ele é apenas depositário da fortuna de que Deus lhe permite gozar durante a vida, tira ao homem o direito de transmiti-la aos seus descendentes?

O homem pode perfeitamente transmitir, por sua morte, aquilo de que gozou durante a vida, porque o efeito desse direito está subordinado sempre à vontade de Deus, que pode, quando quiser, impedir que aqueles descendentes gozem do que lhes foi transmitido. Não é outra a razão por que desmoronam fortunas que parecem solidamente constituídas. É, pois, impotente a vontade do homem para conservar nas mãos da sua descendência a fortuna que possui. Isso, entretanto, não o priva do direito de transmitir o empréstimo que recebeu de Deus, uma vez que Deus pode retirá-lo, quando o julgue oportuno.

(São Luís, Paris, 1860.)

Crônicas e Artigos

Nº 38 – 13/01/2008

O Consolador – (Célia Xavier de Camargo)

VIII. Instruções dos Espíritos

IV. Transmissão da riqueza

O tesouro do Cristo

Conta-se que há, muito tempo atrás, Paulo de Tarso e seu amigo Barnabé estavam viajando a serviço da divulgação da doutrina cristã.

Levavam a palavra do Mestre, pregando o seu Evangelho para povos incultos e rudes, mas necessitados de Deus. Viajavam com muita simplicidade, geralmente a pé, levando o mínimo indispensável para sua sobrevivência.

Certa vez, estavam passando por regiões desertas, cheias de precipícios e de florestas infestadas de bandidos. Seu destino era a cidade de Antioquia da Pisídia, que ainda estava longe. Pela primeira vez, foram obrigados a dormir ao relento, no seio da natureza.

Venceram precipícios, atravessaram rio caudaloso e, do outro lado, encontraram uma caverna nas rochas, onde se acomodaram para descansar o corpo exausto e dolorido.

Quase não tinham o que comer, mas estavam animados, vencendo obstáculos com otimismo e coragem.

A solidão lhes sugeria belos pensamentos.

Ao cair da tarde e após uma refeição frugal, passaram a comentar animadamente sobre as excelências do Evangelho, exaltando a grandeza da missão de Jesus Cristo.

– Se os homens soubessem – dizia Barnabé, fazendo comparações.

– Todos se reuniriam em torno do Senhor e descansariam – rematava Paulo cheio de convicção.

– Ele é o príncipe que reinará sobre todos.

– Ninguém trouxe a este mundo riqueza maior.

– Ah! – comentava Barnabé. – O tesouro de que foi mensageiro engrandecerá a Terra para sempre.

E, assim, continuaram conversando, quando singular movimento lhes despertou a atenção. Dois homens armados precipitaram-se sobre ambos, à fraca luz de uma tocha acesa com resinas.

– A bolsa! – gritou um dos malfeitores.

Barnabé empalideceu ligeiramente, mas Paulo estava sereno e impassível.

– Entreguem o que têm ou morrem! – exclamou o outro bandido, alçando o punhal.

Olhando fixamente o companheiro, Paulo ordenou:

– Dá-lhes o dinheiro que resta. Deus suprirá nossas necessidades de outro modo.

Barnabé esvaziou a bolsa que trazia entre as dobras da túnica, enquanto os malfeitores recolhiam, ávidos, a pequena quantia.

Reparando nos pergaminhos do Evangelho que os missionários consultavam à luz da tocha improvisada, um dos ladrões interrogou desconfiado e irônico:

– Que documentos são esses? Falavam de um príncipe opulento. Ouvimos referências a um tesouro – Que significa isso?

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Com admirável presença de espírito, Paulo explicou:

– Sim, de fato, estes pergaminhos são o roteiro do imenso tesouro que nos trouxe o Cristo Jesus, que há de reinar sobre os príncipes da Terra.

Um dos bandidos, grandemente interessado, examinou o rolo de anotações do Evangelho.

– Quem encontrar esse tesouro – prosseguia Paulo, resoluto – nunca mais sentirá necessidades.

Os ladrões guardaram o Evangelho cuidadosamente e, apagando a tocha bruxuleante, desapareceram na escuridão da noite.

Quando se viram a sós, Barnabé não conseguiu dissimular o assombro:

– E agora? – perguntou com voz trêmula.

– A missão, continua muito bem – disse Paulo, cheio de ânimo. – Não contávamos com a excelente oportunidade de transmitir a Boa Nova aos ladrões.

Admirando-se de tamanha serenidade, Barnabé considerou, um tanto preocupado:

– Mas levaram-nos, além das moedas, os derradeiros pães de cevada, bem como as capas com que nos agasalhávamos.

– Haverá sempre alguma fruta na estrada – esclarecia Paulo, decidido – e quanto às coberturas, não tenhamos maior cuidado, pois não nos faltarão as folhas das árvores.

– Mas, como recomeçar nossa tarefa, se não temos sequer as anotações do Evangelho?

Paulo, todavia, desabotoando a túnica, retirou alguma coisa que guardava junto ao coração.

– Enganas-te, Barnabé. – disse com sorriso otimista. – Tenho aqui o Evangelho que ganhei de meu mestre Gamaliel e que guardei sempre comigo com muito carinho.

O missionário apertou nas mãos o tesouro do Cristo e o júbilo voltou a iluminar-lhe o coração.

Aqueles homens valorosos poderiam dispensar todo o conforto do mundo, mas a palavra de Jesus não poderia faltar.

Emmanuel, (adaptação da obra, “Paulo e Estevão”, (psicografia de Chico Xavier.)

Crônicas e Artigos

Nº 511 – 09/04/2017

O Consolador – (Ivomar Schuler da Costa)

A caridade e a relação entre as intenções e os recursos

VIII. Instruções dos Espíritos

IV. Transmissão da riqueza

O capítulo XIII de O Evangelho segundo o Espiritismo é de grande importância porque apresenta alguns princípios de ação e faz algumas distinções básicas. Como a maioria dos capítulos dessa obra fundamental do Espiritismo, todas as suas partes, isto é, suas seções e itens, estão vinculadas de maneira que só têm sentido completo se vistas a partir do conjunto, e determinando as suas funções nele. Entretanto, para entender o que o capítulo deseja transmitir devemos antes entender o que cada parte realmente afirma.

Vamos tomar como objeto de estudo a seção “O Óbolo da Viúva”, que contém os itens 5, que é a transcrição de Marcos 12:41-44, e o 6, que é a explicação dada por Kardec.

Na sequência geral do capítulo, Kardec trata, nessa seção, de uma questão fundamental. Ele põe como tema a intenção de fazer o bem, e a divide em dois tipos. Partindo daí, ele associa essa intenção com a carência ou a posse de recursos que impeçam ou permitam ao indivíduo realizar seu objetivo, sobretudo, trata da atitude do indivíduo relativamente à posse ou não destes recursos. Neste sentido, a posição de Kardec é clara. Afirma ele que a qualidade da intenção tende a tornar o indivíduo ativo ou passivo quanto à ação no bem, em face da carência ou abundância de recursos materiais.

Essa seção divide-se em três momentos, embora apresente apenas dois parágrafos. No primeiro momento é feita uma declaração que podemos resumir da seguinte forma: Algumas pessoas dizem não poder fazer todo o Bem que desejam porque lhes faltam os recursos e por isso desejam possuí-los para poderem aplicá-los no Bem. No segundo é tratada a questão da insinceridade deste desejo e como ela determina a atitude do indivíduo. No terceiro momento trata-se do desejo sincero de possuir recursos materiais suficientes e como deve agir o indivíduo diante da sua carência.

Significado da expressão “óbolo do pobre”

Começamos por entender o texto explicando cada um dos termos importantes. Kardec, para dar maior expressividade, usa sinônimos para referir-se aos mesmos termos.

Muita gente deplora não poder fazer todo o bem que desejara, por falta de **recursos suficientes**, e, se **desejam** possuir **riquezas**, é, dizem, para lhes dar boa aplicação. É sem dúvida louvável a **intenção** e pode até nalguns ser **sincera**. Dar-se-á, contudo, seja completamente, **desinteressada** em todos?

E este, o **óbolo do pobre**, do que dá, privando-se do necessário, o **ouro do rico** que dá sem se privar de coisa alguma.

E ainda este, será só com o **dinheiro** que se podem secar lágrimas?

Vejamos. O termo riqueza é utilizado várias vezes. Quando a expressão “ouro do rico” e a palavra “dinheiro” são usadas conotam riqueza. A locução “recursos suficientes” também tem o sentido de riqueza. Recursos significam meios, haveres, posses, e “suficiente” quer dizer bastante, ou seja, haveres que suprem certa necessidade. Assim, todos estes termos e expressões se referem a uma quantidade de bens que vai além do necessário, recursos que alguém tenha de sobra. Portanto, ricos são aqueles que possuem recursos além das suas necessidades, abundância de recursos, que são as “riquezas”.

O antônimo de rico é pobre. Consequentemente, pobre é aquele que detém somente os recursos necessários para a satisfação das suas necessidades. Quando a expressão “o óbolo do pobre, do que dá, privando-se do necessário” é usada, fica claro que este está dando algo que lhe fará falta.

Quando a intenção de ajudar é desinteressada

Óbolo significa literalmente uma pequena moeda grega do tempo de Jesus; porém, figurativamente significa uma pequena doação. Assim, o “óbolo do pobre” é o pequeno donativo daquele que tem recursos somente para o atendimento das suas necessidades.

Por conseguinte, quanto à posse de recursos, foram caracterizadas duas situações: a de carência e a de abundância.

Intenção e desejo, neste texto, são usados como sinônimos. Kardec faz uma divisão da intenção em interessada e desinteressada. Obviamente ele está se referindo ao interesse e desinteresse pessoal, ou seja, à busca de recompensas, vantagens, benefícios pessoais, no primeiro caso, e a ausência destes no segundo. Observemos que o desejo de possuir riquezas para ajudar quem delas carece pode ser louvável, mas somente quando a intenção for sincera, ou seja, desinteressada. Logo, quando esta intenção for interessada será insincera, e não será louvável.

O que seria a intenção desinteressada, sincera, no caso do desejo de possuir riquezas para poder fazer o bem?

Não haverá quem, desejando fazer o bem aos outros, **muito estimaria poder começar por fazê-lo a si próprio**, por proporcionar a si mesmo alguns gozos mais, por usufruir um pouco do supérfluo que lhe falta, pronto a dar aos pobres o resto?

Aqui está a resposta. O desejo que alguns alimentam de possuir riquezas para poder fazer o bem somente é desinteressado quando não visa proporcionar a si mesmos o bem antes de fazê-lo aos outros. Em outra parte do texto, Kardec refere-se à intenção desinteressada como a que está isenta de qualquer ideia pessoal.

Em algumas pessoas o que impera é o egoísmo

Kardec continua: Esta **segunda intenção**, que esses tais porventura dissimulam aos seus próprios olhos, mas que se lhes depararia no fundo dos seus corações, se eles o perscrutassem. A segunda intenção é justamente esta: quando de posse das riquezas, procuram fazer o bem primeiro a si mesmo. É uma intenção que a pessoa esconde de si mesma, é dissimulada. E se é assim, então é oculta; e, é tão oculta que a maioria parece desconhecê-la. Contudo, é oculta aos outros, porque se eles investigassem minuciosamente seus sentimentos, seus desejos, trariam à tona, suas verdadeiras intenções. Ora, se existe uma segunda intenção, intenção oculta, é claro que existe uma primeira intenção. Qual seria ela? A primeira intenção, ao contrário da segunda, é aquela que foi expressa, e, portanto, não está oculta. Quando é dito que algumas pessoas “deploram não poder fazer todo o bem que desejam”, isto significa que elas lamentam, lastimam, portanto expressam uma intenção.

Destaquemos o seguinte: em algumas pessoas a intenção expressa é desinteressada, sincera; neste caso não haveria uma intenção oculta, pois a pessoa expressa o que realmente sente. Se existe uma intenção interessada, oculta, então a expressa é apenas aparentemente desinteressada, é, por isso, insincera.

Assim, nestas pessoas o que impera, neste caso, é o egoísmo, porquanto, fazer o bem a si mesmo antes de proporcioná-los ao outro é uma das suas características.

Outro termo ao qual devemos atentar, para boa compreensão do texto, é “faculdade”. Expressa-se o codificador desta maneira: ninguém há que, no pleno gozo de suas **faculdades**,

Em uma rápida passada de olhos em um dicionário qualquer veremos que **faculdade** tem, entre outros sentidos que não se aplicam especificamente ao caso em estudo, o de “poder de fazer”, o de “capacidade” e o de “potência moral”. São significados amplos.

Importância da atividade no bem

C. Lhar (1), ao classificar as faculdades da alma, denomina-as como faculdades de conhecimento, de sensibilidade e de afetividade. Ele as define assim: “poder que tem a alma de exercer certos atos ou de sofrer certas modificações”. As faculdades não podem ser observadas diretamente, mas podem ser deduzidas a partir do princípio lógico que afirma que todo ato supõe no ser uma potência proporcionada; atos distintos supõem, portanto, potências distintas. Se uma pessoa sem estudos prévios, pinta um quadro magnífico, isto quer dizer que ela dispõe, de alguma forma, da potência, do poder para pintá-lo, senão isto não seria possível. Nenhuma pessoa pode realizar algo além das suas possibilidades. Este autor ressalta algo extremamente importante que, no entanto, geralmente passa despercebido à maioria dos espíritas.

Existe uma correlação íntima entre as faculdades. Usando nossas palavras, dizemos que as faculdades se influenciam mutuamente; a moção realizada numa afetará as outras, e reciprocamente. Por isso, a atividade no bem tem importância primordial, sendo mesmo fator de desenvolvimento do espírito. O conhecimento sem a vontade é inerte; a sensibilidade sem a inteligência torna-nos pessoas frívolas. O homem só está completo quando utiliza todas as suas faculdades. Esta é a razão pela qual os Espíritos dizem que o homem deve estar inteiro no ato de Caridade.

O texto em análise é dividido em dois grandes parágrafos. No primeiro trata-se da intenção interessada e, no segundo, da intenção desinteressada.

No primeiro, Kardec faz o confronto da intenção interessada com um dos elementos da Caridade, a abnegação (2): com a verdadeira caridade, **o homem pensa nos outros antes de pensar em si**. É com base neste princípio que ele afirma que aqueles que expressam o desejo de possuir riquezas para dar aos que delas carecem, porém com o objetivo oculto de primeiro usufruir delas, doando apenas o restante, dissimulam seus interesses pessoais.

O valor do pequeno donativo

Ainda neste parágrafo, ele lamenta que a maioria dessas pessoas encare a realidade fantasiosamente, pois esperam que ocorram situações totalmente incertas, sem que façam esforços para tal, em que conquistem grandes fortunas para, supostamente, fazer o bem. Alguns, levando a fantasia mais adiante, pretendem contar inclusive com a ajuda dos Espíritos para a conquista delas. O que se evidencia aqui é que quem tem o desejo sincero de possuir recursos suficientes para fazer o bem não deve de maneira alguma esperar por situações casuais; deve esforçar-se, trabalhar para conquistá-los.

Já no segundo, é exposta, primeiramente, uma interessante relação inversa entre a quantidade de riquezas e o valor moral delas. O elemento que altera o valor é o esforço, a privação autoimposta visando ao benefício alheio. O pequeno donativo (óbolo do pobre) feito com a privação do necessário tem valor maior do que o grande donativo (ouro do rico) realizado sem privações autoimpostas. Nesta condição, apesar do, alto valor quantitativo, este é sobrepujado pelo valor qualitativo ou moral. Depois, outro princípio de ação, evidenciado, se assim podemos nos expressar, é o de atividade: Aliás, será só com o dinheiro que se podem secar lágrimas e dever-se-á **ficar inativo**, desde que se não tenha dinheiro? O que Kardec pergunta é se somente com recursos materiais é que podemos aliviar o sofrimento alheio. Teriam as riquezas uma importância tão fundamental na minoração das dificuldades alheias? E qual seria a atitude de quem desejasse

ajudar aos que sofrem se não as possuísse? Imobilizar-se? Pelo texto podemos induzir que as posses materiais, por maiores que sejam, não detêm a primazia geralmente suposta pela maioria das pessoas.

Ninguém há que nada possa fazer de útil

Se alguém deseja sinceramente ajudar ao próximo em suas dificuldades não deve permanecer inativo na falta destes recursos materiais, pois Todo aquele que **sinceramente** deseja ser útil a seus irmãos, mil ocasiões encontrará de realizar o seu desejo. Isto é, quem deseja fazer não fica esperando, ou como diz o cantor “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. A atitude ativa também está clara nesta outra afirmação: (ocasiões de realizar o bem). Procure-as e elas se lhe depararão. Em outras palavras, quem procura encontra! A partir dos princípios do valor inverso dos pequenos donativos feitos com privação autoimposta, da intenção desinteressada, e do de atividade, deduzimos que os recursos devem ser buscados em outro lugar. Onde, porém, estarão eles? É o próprio Kardec quem aponta o local: ninguém há que, no pleno gozo das suas **faculdades**, não possa prestar um serviço qualquer, prodigalizar um consolo, minorar um sofrimento físico ou moral, fazer um esforço útil. Não dispõem todos, à falta de dinheiro, do seu trabalho, do seu tempo, do seu repouso, para de tudo isso dar uma parte ao próximo? É em nossos recursos internos, nossas capacidades, que devemos buscar os meios para a prática do bem quando nos faltem os recursos materiais. Prestar serviços, despender consolações em profusão, diminuir sofrimentos físicos e morais, realizar esforços úteis. Percebamos que todos os utilizados são verbos ativos. E todas estas ações são quase desconsideradas no cotidiano, como se não tivessem nenhum valor. Entretanto, adquirem vultoso valor quando realizados com abnegação. Finalmente, outro ponto a destacar é que estes atos não são exigidos de quem não tem condições de exercê-los, pois somente podem ser praticados por quem está no gozo completo das suas faculdades.

No primeiro temos algumas afirmações que completam e reforçam antecipadamente o que foi dito no segundo.

Conclusão

A pessoa desejosa de fazer o bem, porém sem dispor de recursos para tanto, e ao colocar o bem do outro antes do seu próprio bem, faz com que a caridade atinja o seu ponto mais alto quando busca e encontra recursos em si mesmo, nas suas capacidades, porquanto O ponto sublimado da caridade, nesse caso, estaria em procurar ele **no seu trabalho, pelo emprego de suas forças, de sua inteligência, de seus talentos**, os recursos de que carece para realizar seus generosos propósitos. Isto é, quando faltam recursos materiais, a pessoa não deve estacionar, mas sim usar sua atividade, suas habilidades, suas forças físicas e intelectuais para realizar o bem que deseja. A culminância da caridade não está no fato de usar meios internos, em vez de externos, mas sim no fato de que a pessoa se doa para realizar o bem.

Resumindo o nosso breve estudo, parece-nos que a grande questão que Kardec quer responder é esta: o bem depende exclusivamente de recursos materiais para se realizar? A resposta dada pelo próprio coautor da Doutrina é que a pessoa sem interesses pessoais, mesmo com carência de recursos materiais, buscará em si outros tipos de recursos para realizar o bem que almeja; não ficará inativa por causa da carência. Isso demonstra que muitas vezes a declaração do desejo de possuir riquezas com o objetivo de realizar o bem é apenas um disfarce para nada fazer, para alegar incapacidade. No caso da posse dos tais recursos por pessoas com intenções insinceras, surgem duas hipóteses:

- 1) a pessoa realmente aplica tais recursos para realizar o Bem para outrem, com a secreta intenção de ostentar uma aparência de pessoa caridosa; busca com isso a aprovação social, a popularidade, colocar-se em evidência para usufruir da estima pública, ou:
- 2) numa situação de egoísmo, busca usufruir deles antes daqueles a quem disse querer servir.

CAPÍTULO XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

Finalmente, ressaltamos que, em nosso entendimento, Kardec quis nos chamar a atenção para a importância das pequenas ações que não são notadas pela maioria das pessoas e para a necessidade de usarmos todas as nossas faculdades e potencialidades para descobrir novos meios de estender o bem sobre a Terra, quando não dispusermos dos recursos materiais suficientes. Devemos fazer tudo que estiver dentro das nossas possibilidades, pois a carência de recursos materiais não é uma condição impeditiva para a realização da Caridade.

Referências:

- (1) **Lahr C.**, Manual de Filosofia, (Cap. III), (p. 26 e 27)
- (2) **Costa Ivomar**, (Abnegação: fazer o bem aos outros em primeiro lugar.)